

**FACULDADE DE LETRAS**

**Universidade do Porto**

**GUIA DO ESTUDANTE**

**Ramo Educacional**



**EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO**

**1993/94**

**FACULDADE DE LETRAS**

**Universidade do Porto**

**GUIA DO ESTUDANTE**

**XIV**



**EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO**

**1993/94**

378(07)  
Gur

Guia do Estudante da FLUP. RAMEDUC.  
Vol. 14, 1993-94  
Publicação Anual

Dactilografia: Margarida Santos  
Execução e Impressão: Oficina Gráfica  
Tiragem: *100* exemplares

# INTRODUÇÃO



## GUIA DO ESTUDANTE

### INTRODUÇÃO

A publicação anual do Guia do Estudante é uma tradição que os sucessivos Conselhos Directivos da FLUP têm mantido, respondendo desta forma à necessidade de fornecer aos alunos uma resenha tanto quanto possível completa dos conteúdos programáticos e das bibliografias essenciais das diversas disciplinas dos diferentes cursos ministrados na Faculdade.

Esta é a 14ª edição. Para além do apoio à actividade de leccionação propriamente dita, o Conselho Directivo pretende fornecer ao estudante um conjunto de informações que importa conhecer para que a vida académica decorra sem sobressaltos nem improvisações.

De entre as matérias contidas no Guia, permitimo-nos chamar a atenção para dois aspectos: o primeiro refere-se às normas de avaliação. Tratando-se de matéria muito sensível e importante para a vida de cada um, é fundamental que as regras dimanadas do Conselho Pedagógico sejam bem conhecidas por todos os interessados, que neste caso são os alunos mas também os docentes. O segundo tem a ver com a produção do saber que uma Faculdade digna não pode descuidar: por isso, indicar-se-ão as Publicações, os Colóquios, os Congressos e outras reuniões científicas em que a Faculdade se empenhou ou vai empenhar.

O passado tem confirmado a inegável e a plural utilidade desta brochura. Oxalá a edição de 1993/94 continue a prestar os serviços relevantes conhecidos e possa constituir um elo de união entre todos os que intervêm na nossa comunidade escolar.

Porto e Faculdade de Letras, Agosto de 1993

O PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO

\*\*\*\*\*

## ÓRGÃOS DE GESTÃO DA FACULDADE

Assembleia de Representantes

Conselho Directivo

Conselho Científico

Conselho Pedagógico

Conselho Administrativo

Conselho Consultivo.

\*\*\*\*\*

## SERVIÇOS DA FACULDADE

### A - Secretaria

Sector de Matrículas e Inscrições

" de Equivalências

de Mudanças de Curso.

Horário normal de abertura ao público:

de 2ª a 6ª feira: 14H00 - 16H30

Encerra ao Sábado.

### B - Tesouraria

Horário de atendimento:

de 2ª a 6ª feira: 9H30 - 11H30

14H30 - 16H30

Encerra ao Sábado.

## C - Biblioteca Central

A Biblioteca Central constitui um serviço de fundamental importância da FLUP e por isso tem merecido uma atenção particular por parte dos Conselhos Directivos.

São utentes de direito da Biblioteca os docentes e os alunos da FLUP. Em casos devidamente justificados, porém, outras pessoas podem utilizar os seus serviços, nomeadamente a pesquisa na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase").

Para consulta das obras da Biblioteca Central os utilizadores devem possuir o cartão de leitor, o qual deverá ser revalidado todos os anos depois de efectuadas as inscrições.

### 1. Tipos de leitura:

- a) de presença: na Sala de Leitura (horário afixado);  
na Sala de Obras de Referência (livre acesso);
- b) domiciliária: normas regulamentares afixadas na Sala de Leitura.

### 2. Sala dos Catálogos:

- a) Onomástico
- b) Didascálico
- c) CDU (Classificação Decimal Universal)
- c) Cardex (Publicações Periódicas)
- d) "Porbase" (através do terminal ligado em linha à Base Nacional de Dados Bibliográficos)
- e) Bases de dados locais.

Nota. As obras entradas depois de 1988 encontram-se integradas na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase"), e nas bases de dados locais, pelo que não devem ser procuradas nos catálogos tradicionais.

Tanto os catálogos tradicionais como a "Porbase" incluem também obras de alguns Institutos e Centros sediados na Faculdade, identificáveis pelas respectivas siglas.

Como é de norma em todas as Bibliotecas, as obras classificadas de "Reservados", as de "referência" (dicionários, enciclopédias), as teses e as revistas e publicações periódicas não podem ser requisitadas para leitura domiciliária.

O mesmo se aplica às obras pertencentes ao "Fundo Primitivo".

3. Horário de leitura: (Excepto nos períodos de férias)

2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H00

4. Leitura de presença

4.1. Obras em depósito.

4.1.1. Para a leitura de presença, o leitor só pode requisitar 3 obras de cada vez.

4.2. Obras em livre acesso (Sala de leitura e de Referência)

4.2.1. A estas obras poderá o leitor aceder directamente, ficando estabelecido que não deverá voltar a colocá-las nas estantes, mas num local designado para esse efeito.

5. Leitura domiciliária

5.1. Podem ser requisitadas 3 obras diferentes simultaneamente.

5.2. O empréstimo de obras para leitura domiciliária processa-se entre as 14h e as 18h e a sua devolução deverá ocorrer impreterivelmente 48 horas depois de terem sido requisitadas.

5.3. As requisições das mesmas obras podem ser renovadas, quando não haja prejuízo para outros leitores.

6. Os alunos invisuais dispõem do aparelho Optacon oferecido pela Fundação Calouste Gulbenkian e instalado na Biblioteca Central.

7. Estão disponíveis para pesquisa em CD-ROM diversas bases de dados cuja utilização obedece a um regulamento afixado na Biblioteca.

8. Serviço de informação bibliográfica da Biblioteca Central da Faculdade:

Boletim Bibliográfico (Semestral), 1979 ss.

Núcleo de Teses Existentes na Biblioteca Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo I", Porto, 1989.

Trabalhos de Docentes da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico -Anexo II", Porto, 1989.

Núcleo das Obras que constituem o Fundo Ultramarino da Biblioteca Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo III", Porto, 1990.

Núcleo Documental do Instituto de Estudos Norte-Americanos, "Boletim Bibliográfico - Anexo IV", Porto, 1990.

Bibliografia Temática:

- 1- "Biblioteconomia e Documentação", 1989.
- 2- "Educação, Pedagogia, Didáctica", 1989.
- 3- "Biblioteconomia, Documentação, Arquivística", 1989.
- 4- Biblioteconomia. Documentação. Arquivística, 1991.
- 5- Literatura Medieval. Cultura Medieval, 1992.
- 6- Sociologia, 1992

Boletim de Sumários, 1988 ss.

Reservados da Biblioteca Central, 1ª ed., 1989; 2ª ed., 1990

Núcleo Documental do Instituto de Estudos Ingleses, Porto, 1991

Dissertações Académicas, Porto, 1992

Núcleo Documental da Sala Brasileira, Porto, 1992

Para além da Biblioteca Central, existem na Faculdade Institutos, Salas e Centros de Investigação:

Instituto de Estudos Ingleses

- " de Estudos Norte Americanos
- " de Estudos Germanísticos
- " de Geografia
- " de Cultura Portuguesa
- " de Arqueologia
- " de Documentação Histórica Medieval
- " de Filosofia e História da Filosofia
- " de História de Arte
- " de Língua Portuguesa
- " de Literatura Comparada
- " de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa
- " de Sociologia
- " de Ciências da Educação
- " de Estudos Franceses
- Sala Brasileira
- " Espanhola
- " Neerlandesa
- " de História Moderna
- " de História Medieval

Centro de História

- " de Linguística
- " de Estudos Semióticos e Literários.

Dependente da Reitoria da Universidade, mas sediado na FLUP, funciona o Centro Norte de Portugal-Aquitânia (CENPA).

Obs.: O acesso de alunos a algumas destas unidades está condicionado, de acordo com as normas da direcção de cada uma delas.

\*\*\*\*\*

#### D - Oficina Gráfica - Balcão de Vendas

Serviço de reprografia da Faculdade e de venda de publicações; apoia as actividades pedagógicas, de investigação e administrativas da escola. Preçário fixado pelo Conselho Directivo.

Horário de atendimento ao público:

2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H30

\*\*\*\*\*

#### BAR

Presentemente, o serviço de cafeteria e de "snack" é assegurado por exploração dependente da Associação de Estudantes da Faculdade.

Horário:

2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H00

Encerra ao Sábado, normalmente.

\*\*\*\*\*

#### PARQUE DE ESTACIONAMENTO

Reservado aos elementos da FLUP. Entrada pela Travessa de Entre Campos. Possui zonas demarcadas, que devem ser respeitadas para comodidade de todos.

No interior do parque aplicam-se todas as normas jurídicas sobre responsabilidade civil por danos causados a terceiros.

**Horário:**

2ª a 6ª feira - 7H30 - 23H00

Sábados- 7H30 - 13H00.

\*\*\*\*\*

### **ACTIVIDADE ESCOLAR**

#### **A. Cursos de Licenciatura**

História

História (Variante Arte)

História (Variante Arqueologia)

Filosofia

Línguas e Literaturas Modernas (Est. Port; Est. Port/Franc; Est. Port/Ingl; Est. Port/Alem; Est. Ingl/Alem; Est. Franc/ Alem; Est. Franc/Ingl.)

Geografia

Sociologia.

#### **B - Cursos Profissionalizantes:**

a) Ramo educacional:

regime transitório

regime normal (3º, 4º e 5º anos).

b) Tradução

#### **C - Cursos de pós-graduação:**

a) Mestrados: História Medieval

História Moderna e Contemporânea

História da Arte

Arqueologia

História da Cultura Portuguesa (Época Moderna)  
Filosofia do Conhecimento  
Filosofia Medieval  
Literaturas Românicas Modernas e Contemporâneas  
Estudos Anglo-Americanos  
Linguística Portuguesa Descritiva

b) Curso de Especialização em Ciências Documentais - Opção "Bibliotecas e Documentação"; Opção "Arquivos"

c) Curso de Pós-Graduação em Museologia.

D - Curso de Português para Estrangeiros.

E - Cursos de Formação Contínua de Professores.

F - Actividades de extensão cultural - O Ciclo de Conferências promovidas pelo Conselho Directivo no ano lectivo anterior, terá continuidade no presente ano lectivo. Foi já publicado o texto da 1ª Conferência, proferida em 31 de Março de 1993: SOVERAL, Eduardo Abranches de, Meditação Heideggeriana, Conferências da FLUP, Ed. do Conselho Directivo, 1993

\*\*\*\*\*

#### INDICAÇÕES PEDAGÓGICAS (Síntese):

Os alunos devem ter em atenção o regime e tabela de precedências em vigor, assim como as Normas de avaliação aprovadas pelo Conselho Pedagógico.

## 1. RAMO EDUCACIONAL:

### Regime transitório (Port. 850/87):

#### 1º ano:

a) os alunos que concluem a licenciatura (plano de estudos antigo) têm direito a candidatar-se à inscrição no 1º ano no primeiro curso aberto após a conclusão da licenciatura;

b) equivalências concedidas:

em Filosofia: Filosofia da Educação a Introdução às Ciências da Educação;

em LLM: Didáctica da Língua Inglesa a Metodologia do Inglês.

#### 2º ano:

a) estágio nos locais fixados pela Direcção Regional de Educação do Norte;

b) seminário semanal na Faculdade (3 horas);

c) admissão ao estágio com aproveitamento em todas as disciplinas do 1º ano (na época de Julho; os alunos que terminam o 1º ano do regime transitório na época de Setembro e de Dezembro só podem concorrer a lugares de estágio em Julho do ano seguinte).

### Regime normal (Port. 850/87):

1. Para poder candidatar-se ao ramo educacional - regime normal - o aluno deve estar em condições de passagem para o 3º ano do curso (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso).

2. A média para seriação dos candidatos é calculada com base nas classificações da totalidade das disciplinas do 1º e do 2º ano, menos duas (se o aluno não tem disciplinas em atraso), ou menos uma (se só tem uma em atraso).

Obs.: Para os efeitos indicados no número precedente, não são levadas em conta as classificações mais baixas obtidas pelo aluno até à data.

Notas:

I - O regulamento dos estágios, encontra-se publicado na Port. 659/88, de 29 de Setembro.

II - Os alunos devem ler com cuidado todos os avisos afixados sobre esta matéria antes de se dirigirem à Secretaria.

III - Informa-se que a Unidade de Apoio aos Alunos Deficientes (UAAD), da Pró-Reitoria da Universidade (Acção Social Universitária e Assistência Médica), presta apoio psico-social e médico-pedagógico aos estudantes invisuais. Neste âmbito a UAAD promove também a passagem de textos de apoio em Braille, com a colaboração da Associação de Cegos do Norte de Portugal.

No que concerne a aquisição do material específico, por parte destes alunos, dispõem os mesmos de cassetes, a preço mais acessível, no Centro de Documentação e de material didáctico dos Serviços Sociais da Universidade do Porto (SSUP).

Mais se informa que a Pró-Reitoria aguarda uma resposta da Biblioteca Pública Municipal do Porto, sobre uma proposta de colaboração para a gravação de textos de estudantes invisuais da Universidade do Porto.

**2. CURSOS DE TRADUÇÃO - Para alunos de LLM (Port. 850/87):**

a) Os alunos interessados nestes cursos poderão optar pelo curso de tradução em Inglês-Português, de Francês-Português ou de Alemão-Português.

b) Serão candidatos à admissão nestes cursos, os alunos inscritos no 2º ano, que reúnem as condições de transição para o 3º ano do respectivo curso.

c) Os candidatos serão seleccionados de acordo com as médias obtidas nos dois primeiros anos do curso.

\*\*\*\*\*

### INDICAÇÕES ACADÉMICAS (Síntese):

1. No prazo de 7 dias a contar da afixação do respectivo aviso (ou pauta) ou da data do correio, os alunos devem dar cumprimento aos deferimentos favoráveis exarados nos requerimentos que tenham apresentado à Faculdade.

2. Mudança de variante em LLM: os pedidos dos alunos da FLUP só podem ser considerados depois de terem completado todas as disciplinas do 1º ano em que se inscreveram.

3. Curso de Ciências Documentais (pós-graduação) - as disciplinas em atraso do curso anterior podem ser feitas no curso seguinte.

#### Notas:

1. Para as restantes informações, devem os alunos consultar o folheto Indicações Úteis aos Alunos, difundido gratuitamente pela Universidade do Porto.

2. Chama-se a especial atenção dos alunos para os avisos sobre a micro-radiografia.

\*\*\*\*\*

## NORMAS DE AVALIAÇÃO

(Aprovadas pelo Conselho Pedagógico em 21.7.92)

No desempenho das funções que lhe competem segundo os Estatutos da Universidade do Porto e os Estatutos da Faculdade de Letras e de acordo com a legislação em vigor, o Conselho Pedagógico aprovou as Normas de Avaliação de Conhecimentos para o ano lectivo de 1992-1993. Estas Normas contêm algumas alterações pontuais relativamente às normas vigentes no ano anterior, por se ter entendido que era necessário reajustar alguns dos critérios às necessidades que a prática pedagógica demonstrou existirem. Em alguns outros casos entendeu-se por bem ser-se mais claro e rigoroso na formulação dessas mesmas normas; finalmente, o Conselho deliberou propor à Escola a abolição das segundas chamadas da primeira época, alargando, em contrapartida, o número de exames que os alunos podem realizar na segunda época (Setembro).

(À data da publicação deste Guia esta proposta aguarda ainda parecer favorável do Conselho Científico da FLUP e subsequente homologação da Reitoria).

### *A. MODALIDADES DE AVALIAÇÃO*

#### Artº 1º - Caracterização das modalidades de avaliação

1. Admitem-se as seguintes modalidades de avaliação:

- a. Avaliação contínua.
- b. Avaliação periódica.
- c. Avaliação final.

2. Nos termos do ponto 1 do artigo 5º é permitida a combinação, numa mesma cadeira, da modalidade de avaliação contínua com uma das outras modalidades de avaliação.

3. Além das modalidades de avaliação referidas há ainda o caso particular das disciplinas que funcionam em seminário e que têm requisitos especiais regulamentados nestas normas no artigo 18º.

4. Em disciplinas determinadas pelo respectivo docente poderão existir, em alternativa ou em combinação com outras modalidades, trabalhos de investigação ou de campo definidos nos termos dos artigos 2º e 17º.

5. Em casos determinados em consequência do conteúdo científico da disciplina, pode ser obrigatória a existência de trabalhos de campo ou de investigação.

### Artº 2º - Definição inicial da avaliação e sua apresentação

1. No início do ano lectivo, ao apresentar o programa da disciplina, o docente deve comunicar o plano de avaliação e dialogar com os alunos acerca dos seus diferentes aspectos, explicitando de acordo com as disposições respectivas destas normas:

a) Objectivos pedagógico-didácticos;

b) modalidades de avaliação, com referência à existência ou não de avaliação contínua e à forma como, dentro dos limites impostos nestas normas, eventualmente será combinada com outras modalidades;

c) existência ou não de trabalhos de investigação obrigatórios e/ou facultativos;

d) os índices e critérios de ponderação final de cada uma das componentes de avaliação (trabalhos de investigação, trabalhos de campo, diferentes componentes de avaliação nas aulas práticas e teóricas, seja em avaliação periódica, seja em avaliação contínua).

e) o número e o tipo de testes mínimo para a respectiva disciplina na modalidade de avaliação contínua.

2. Aquilo que for definido em 1. deve obrigatoriamente ser registado pelo docente respectivo no livro de sumário máximo até ao 5º sumário.

3. O plano de avaliação terá em conta as condições concretas de funcionamento de cada disciplina, nomeadamente:

a) número de alunos;

b) número de docentes;

c) natureza da disciplina e conteúdos leccionados.

4. Todos os alunos devem tomar conhecimento desde o início do ano lectivo do plano de avaliação de cada uma das disciplinas em que estão inscritos. Em caso algum poderão invocar desconhecimento desse plano nos momentos de avaliação.

## **B. AVALIAÇÃO CONTÍNUA**

### **Artº 3 - Tipos de provas**

1. A modalidade de avaliação contínua terá no mínimo seis provas por ano lectivo distribuídas regularmente consistindo na realização complementar ou em alternativa de vários tipos de provas: trabalhos escritos e orais, relatórios de leitura ou de trabalho de campo, elaboração de bibliografias críticas, testes escritos ou orais, etc.

2. Uma das provas tem de ser um teste escrito realizado na própria sala de aula e em presença do docente.

3. Os alunos devem ser e estar claramente informados sobre qual o número mínimo de provas necessárias para a aprovação, conforme o registado no livro de sumários nos termos do artigo 2º.

4. Os alunos devem ser e estar informados sobre todos os elementos de avaliação, incluindo os trabalhos orais e a participação oral nas aulas, assim como dos critérios de ponderação adoptados.

5. As classificações de avaliação contínua devem ser regularmente comunicadas ao aluno e publicadas até uma semana antes do prazo limite de desistência de avaliação contínua.

6. As classificações de avaliação contínua são ponderadas em números inteiros na escala de 0 a 20 para efeitos de afixação nas pautas oficiais, conforme o estipulado no artigo 19º destas normas.

### **Artº 4 - Funcionamento das aulas**

1. A avaliação contínua pode ser realizada em qualquer disciplina, em turmas cuja frequência média não exceda 30 alunos.

2. O quantitativo referido no ponto anterior pode ser alterado após autorização do Conselho Pedagógico havendo recomendação do docente ou requerimento dos alunos.

3. As disciplinas ou turmas que funcionam no regime de avaliação contínua podem ter aulas durante a interrupção motivada pelas primeiras provas de avaliação periódica, mediante acordo entre professor e alunos.

### **Artº 5 - Combinação de modalidades de avaliação**

1. Caso exista uma nítida distinção entre aulas teóricas e aulas práticas, uma mesma disciplina pode funcionar simultaneamente com dois tipos de avaliação: avaliação periódica ou final relativamente às aulas teóricas; avaliação contínua relativamente às aulas práticas.

2. A ponderação da parte prática e da parte teórica da disciplina deve, neste caso, ser concretamente explicitada nos termos do artigo 2º, sendo responsabilidade do docente indicar o índice de ponderação efectivo de cada uma delas na média final da disciplina.

3. Nas disciplinas em que esse índice não tenha sido efectivamente fixado, cumprindo o disposto no artigo 2º, vigora uma ponderação de 50% para cada uma das componentes, prática e teórica, sendo para tal obrigatória nota mínima de 8 a cada uma das componentes.

4. Na situação prevista no ponto 1, em caso de avaliação negativa (inferior a 8) numa das componentes da disciplina, a classificação positiva da outra componente poderá ser considerada até à época de recurso ou especial do mesmo ano lectivo.

#### Artº 6 - Exigência de presença às aulas

1. A avaliação contínua obriga à presença do aluno no mínimo em 75% das aulas.

2. A presença dos alunos é verificada pela assinatura de folhas de presença, sob a responsabilidade do docente.

3. Na situação do número 1 do artigo 5º, os alunos ficam obrigados a este regime de presenças apenas em relação às aulas práticas.

#### Artº 7 - Inscrição e desistência

1. A inscrição nesta modalidade de avaliação é feita no decurso do primeiro mês de funcionamento da disciplina.

2. Os alunos podem desistir da avaliação contínua, até ao fim da primeira semana a seguir às férias do Natal no caso das Línguas Vivas; e até à primeira aula a seguir às férias da Páscoa nas restantes disciplinas. Os alunos que desistirem da avaliação contínua só poderão submeter-se à avaliação final.

3. A desistência efectua-se por comunicação escrita, datada e assinada e entregue pessoalmente ao professor.

#### Artº 8 - Reprovação e direito à época de recurso

1. O aluno que obtenha classificação negativa em avaliação contínua é considerado reprovado, tendo no entanto direito a realizar exame final na época de recurso nas condições fixadas pela lei geral e conforme o estipulado no ponto 5 do artigo 14º.

### C. AVALIAÇÃO PERIÓDICA

#### Artº 9 - Tipos de provas

1. O número de provas a realizar é de duas, sendo uma obrigatoriamente na presença do docente e podendo a outra ser um trabalho realizado fora da aula, desde que previamente acordado entre docente e aluno, nos termos do artigo 2º.

2. Além das disciplinas referidas no ponto um, nas disciplinas em que se entenda necessária a realização de trabalhos práticos ou de campo, estes terão um estatuto próprio e a sua realização deve ser previamente acordada entre docente e alunos, nos termos do artigo 2º.

3. Quaisquer outras provas, orais e escritas, que venham a ser realizadas no âmbito de cada disciplina são facultativas excepto no caso das línguas vivas, conforme o estipulado no artigo 13º, relativo à obrigatoriedade de uma prova oral.

4. As provas só podem incidir sobre matéria leccionada até 8 dias antes da sua realização.

5. Sempre que as classificações das provas que excedam o número mínimo de duas sejam consideradas para efeito de média final, devem ser publicadas em pauta como as restantes.

#### Artº 10 - Repescagem

1. Os alunos em avaliação periódica têm direito, nas condições abaixo indicadas, a uma prova de repescagem a realizar simultaneamente com a primeira chamada do exame final da época normal.

2. A nota de uma das provas de avaliação periódica tem de ser obrigatoriamente positiva para o aluno poder realizar a prova de repescagem.

3. Os alunos que tenham obtido uma nota igual ou inferior a sete valores numa das provas, ou a ela tenham faltado, têm direito a repescagem sobre a matéria respeitante àquela prova nas condições do ponto 2.

4. Também têm direito a realizar a prova de repescagem os alunos que tenham obtido numa das provas 8 valores, desde que a média final não seja positiva.

5. A nota obtida na prova de repescagem anula a nota da prova que substitui.

6. Em caso algum a prova de repescagem se destina a melhoria de nota.

7. Para que os alunos se considerem aprovados em avaliação periódica, a média final tem de ser positiva e em nenhuma das provas obrigatórias a nota pode ser igual ou inferior a sete valores.

### Artº 11 - Inscrição e desistência

1. A inscrição do aluno nesta modalidade de avaliação considera-se efectiva pela sua presença na primeira prova de avaliação periódica.

2. Alunos que não compareçam à primeira prova, mas queiram optar por esta modalidade de avaliação, devem informar o responsável da cadeira até dez dias úteis após o reinício das aulas.

3. Presume-se que um aluno que não cumpra com o disposto em nenhum dos dois pontos acima referidos optou pela modalidade de avaliação final.

4. Um aluno que não compareceu à segunda prova de avaliação periódica perde, por isso, o direito a esta modalidade de avaliação salvo se comunicar ao professor até três dias úteis após a realização da mesma que tenciona manter-se nesta modalidade.

5. Presume-se que um aluno que não cumpra com o procedimento referido no ponto 4 deste artigo optou pela avaliação final.

6. A desistência de uma prova durante a sua realização equivale à classificação de zero valores.

7. Um aluno que compareça a duas ou mais provas de avaliação periódica perde o direito à desistência desta modalidade de avaliação, não podendo realizar exame final na época normal, excepto nos casos contemplados no ponto 7 do artigo 14º, relativo aos alunos do 4º ano.

### Artº 12 - Reprovação e direito à época de recurso

1. O aluno em avaliação periódica que não tenha tido classificação positiva na primeira prova, compareça à segunda e não tenha igualmente classificação positiva nesta ou dela desista, considera-se reprovado.

2. O aluno que obtenha classificação negativa em avaliação periódica é considerado reprovado, tendo no entanto direito a realizar exame final na época de recurso nas condições fixadas pela lei geral e conforme os artigos 14º e 16º das actuais normas.

### Artº 13 - Tipos de provas em línguas vivas

1. Sem prejuízo do exposto nos artigos 9º, 10º e 11º, a avaliação periódica consta de dois tipos de provas: escritas e orais.

2. As provas escritas são em número de duas e precedem a oral, obrigando a uma média mínima de nove valores, sendo uma delas obrigatoriamente positiva.

3. Cabe aos docentes fixar o momento de realização, observando o intervalo mínimo de 48 horas (dias úteis) após a fixação dos resultados das provas escritas, segundo o estipulado no artº 20º.

4. A classificação final deve obter-se pela média entre a nota da prova oral e a média alcançada nas provas escritas e segundo o estipulado no artigo 19º destas normas.

5. Em línguas vivas a prova oral funciona sempre como uma prova autónoma com a finalidade de avaliar a capacidade de expressão oral do aluno, não podendo nunca ser entendida como prova de repescagem das provas escritas.

6. Para efeitos de média final nenhuma das três provas realizadas pode ter uma classificação inferior a oito valores.

#### ***D. AVALIAÇÃO FINAL***

##### **Artº 14 - Tipo de provas**

1. O exame final é constituído por uma prova escrita e, se necessário ou requerido, uma prova oral, devendo aquela anteceder sempre esta.

2. Na primeira época de exames finais há apenas uma chamada por cada disciplina, tal como nas épocas de recurso e especial.

3. Nas disciplinas em que seja obrigatória a realização de uma prova prática no exame final, esta poderá ser substituída por um trabalho prático ou de campo previamente realizado ao longo do ano lectivo, desde que para tal haja acordo entre professor e aluno, nos termos do artigo 2º.

4. Os alunos podem realizar exames sem limite quantitativo a qualquer disciplina em regime de avaliação final na época de Setembro.

5. Para os alunos que realizem exames na segunda época (Setembro) como recurso de classificações negativas obtidas na primeira época, em qualquer modalidade de avaliação, existe um limite de duas disciplinas anuais e quatro semestrais.

6. Na época especial (normalmente em dezembro), os alunos podem prestar provas de exame final a duas disciplinas ou quatro semestrais (no máximo), desde que com a aprovação em tais disciplinas reúna as condições necessárias à obtenção de grau ou diploma.

7. Os alunos do 4º ano dos diversos cursos podem realizar recurso da classificação de avaliação periódica ou avaliação contínua na época de exames finais, em alternativa a Setembro.

### Artº 15 - Exames para melhoria de classificação

1. Os alunos podem requerer melhoria de classificação apenas uma vez a cada disciplina. Esta melhoria pode ser realizada até à época de recurso do ano lectivo seguinte àquele em que os alunos obtiveram aprovação.

2. Os alunos que desejem fazer exames para melhoria de classificação no ano seguinte àquele em que obtiveram a passagem nas disciplinas respectivas, têm de se cingir aos programas leccionados durante o ano lectivo em que terá lugar o novo exame e de prestar provas com o docente ou docentes que ministrarem os referidos programas.

3. Os alunos podem requerer melhoria de classificação relativamente a qualquer disciplina e sem restrição numérica de disciplinas.

4. No exame para melhoria de nota prevalece a classificação mais elevada.

### Artº 16 - Provas orais em avaliação final

1. As provas orais devem realizar-se em salas de aula abertas ao público e perante um júri constituído por um número mínimo de dois docentes ligados à área da disciplina.

2. Cabe aos docentes determinar o momento da realização da prova oral, observando o intervalo mínimo de 48 horas (dias úteis) após a afixação da classificação da prova escrita correspondente.

3. A nota mínima de admissão à prova oral é de nove valores, tendo em conta os arredondamentos fixados no artº 19.

4. Os alunos que obtenham na prova escrita nota igual ou superior a dez valores ficam dispensados da prova oral sem que, no entanto, lhes seja vedado requerê-la no prazo de 48 horas (dias úteis) após a afixação da classificação da prova escrita.

5. Sempre que se realize uma prova oral em avaliação final, o resultado será a média obtida entre a nota da prova escrita e a nota da prova oral, arredondada para números inteiros, na escala 0 a 20, segundo o estipulado no artº 19.

6. Nas disciplinas de línguas vivas a prova oral é sempre obrigatória, desde que o aluno tenha obtido nota igual ou superior a 8 valores.

7. O regime de obrigatoriedade da prova oral pode ser estendido a qualquer outra disciplina que não as línguas por decisão do Conselho Pedagógico, sob proposta do responsável pela disciplina e ouvido o Conselho Científico.

## ***E. TRABALHOS DE INVESTIGAÇÃO E SEMINÁRIOS***

### ***Artº 17 - Definição de trabalho de investigação***

1. Considera-se um trabalho de investigação um trabalho em que haja pesquisa bibliográfica e documental original e individualizada e cuja apresentação e dimensão obedeça a certos requisitos mínimos previamente acordados entre docente(s) e aluno ou grupo de alunos.
2. Os critérios, métodos, prazos e formas de realização devem ser discutidos com o docente no início da realização do trabalho; o docente deve acompanhar de perto a elaboração do trabalho em todos os seus trâmites.
3. Os alunos pertencentes a um mesmo grupo de trabalho podem ter uma classificação diferenciada em função da sua participação individual desde que essa diferenciação seja objectivamente fundamentada e esta possibilidade tenha sido comunicada pelo docente no início do trabalho.

### ***Artº 18 - Seminários***

1. Os seminários são disciplinas incluídas nos currícula das licenciaturas e designadas enquanto tal nos termos da legislação em vigor.
2. Para efeitos de avaliação, docente e aluno ficam obrigados a participar num número de reuniões a determinar no início do seminário.
3. A avaliação a realizar nessas reuniões é de natureza qualitativa.
4. Para todos os efeitos consideram-se essas reuniões equivalentes a provas de qualquer outro sistema de avaliação ainda que sem prejuízo dos trabalhos a realizar.
5. Os trabalhos de investigação realizados no âmbito dos seminários obedecem às normas estipuladas no artigo 17.
6. Todas as decisões quanto às modalidades de avaliação, organização e funcionamento do seminário, deverão ficar registadas no livro de sumários, à semelhança do estipulado no artigo 2º.

## ***F - APRESENTAÇÃO DAS CLASSIFICAÇÕES E SUA APLICAÇÃO***

### ***Artº 19 - Forma de apresentação das classificações***

1. Todas as notas relativas a provas ou a trabalhos que servem de fundamento à classificação final bem como esta última são publicadas sob a forma de nota quantitativa (escala de 0 a 20) em pautas datadas e assinadas pelo docente da disciplina.
2. As classificações afixadas em pauta são apresentadas em números inteiros.

3. Para o cálculo de médias finais as décimas são arredondadas à unidade por defeito até ao meio valor, exclusive, e por excesso a partir do meio valor, inclusive.

4. Quaisquer outras escalas utilizadas pelo docente no âmbito das suas classificações terão de ser convertidas à escala referida nos pontos anteriores para efeitos de classificações finais e periódicas.

#### Artº 20 - Prazos de afixação das classificações

1. Os resultados da primeira prova de avaliação periódica devem ser afixados até, no máximo, 30 dias antes da realização da primeira prova de avaliação periódica.

2. Os resultados da segunda prova de avaliação periódica devem ser afixados, em dias úteis, até 48 horas antes da realização da prova de repescagem respectiva.

3. Os resultados dos exames devem ser afixados, em dias úteis, até 48 horas antes da realização das provas orais respectivas, com indicação explícita do dia e hora em que estas se realizam.

4. Os resultados das provas orais devem ser afixados no próprio dia em que as provas se realizaram.

5. Os resultados dos exames da segunda época devem ser afixados até 24 horas antes da data do início do prazo das inscrições nas disciplinas do ano lectivo seguinte.

6. Estes prazos vigoram sem prejuízo de quaisquer outros que os Conselhos Pedagógico e Directivo venham a determinar e publicitar em tempo oportuno.

### *G - CONDIÇÕES DE PRESTAÇÃO E CONSULTA DAS PROVAS*

#### Artº 21 - Consulta das provas

1. Os alunos têm direito de consultar as suas provas e outros elementos de avaliação depois de classificadas, desde que na presença do docente.

2. Em caso de prestação de prova oral os alunos têm o direito de conhecer a classificação da prova escrita correspondente.

3. Caso o Conselho Pedagógico considere existir alguma irregularidade processual nas classificações ou lhe seja remetido algum requerimento apontando tais irregularidades, tomará as providências que entender necessárias no sentido de resolver a situação.

## PUBLICAÇÕES

### I - REVISTAS

*Cale*, Revista da Faculdade de Letras, I, Porto, 1966

*Revista da Faculdade de Letras* - Séries de:

*História*, I série: 1971-1974; II série: 1984 ss.

*Filosofia*, I série: 1970-1973; II série: 1985 ss.

*Filologia*, I série, 1973

*Línguas e Literaturas*, II série: 1984 ss.

*Geografia*, 1985 ss.

*Sociologia*, 1991 ss.

*Portugalia* (Instituto de Arqueologia), nova série, 1980 ss.

*Runa, Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos* (Coedição do Instituto de Estudos Germanísticos da FLUP), 1984 ss.

*Revista Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos* (Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto), 1990 ss

*Revista de História* (INIC/Centro de História da Univ. do Porto), 1978 ss

### II - OUTRAS PUBLICAÇÕES

CRUZ, António - *Papéis da Restauração. Selecção e Estudo Prévio por...*, I, Porto, Faculdade de Letras, "Publicações da Faculdade de Letras", 1967

MONTEIRO, Joaquim Rebelo Vaz - *Estudo Cartográfico de uma Viagem à Índia no século XVI*, Porto, Faculdade de Letras, "Publicações da Faculdade de Letras", 1970

CRUZ, António - *O Porto nas Navegações e na Expansão*, Porto, Faculdade de Letras, 1972

CURZ António - *Tempos e Caminhos. Estudos de História*, Porto, Faculdade de Letras do Porto, "Publicações da Faculdade de Letras", 1973

PENEDOS, Alvaro José dos Penedos - *O Pensamento Político de Platão*, I, Porto, Faculdade de Letras, "Publicações da Faculdade de Letras", 1978

*Problemáticas em História Cultural* (Actas do Colóquio de Outubro, 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, "Línguas e Literaturas - Anexo I", 1987

*Bibliografia Cronológica de Espiritualidade em Portugal. 1501-1700*, Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, "Línguas e Literaturas - Anexo II", 1988

*Duas Línguas em Contraste: Português e Alemão* (Actas do 1º Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Estudos Germanísticos, "Línguas e Literaturas - Anexo III", 1989

*"Fundo Primitivo" da Biblioteca Central. 1919-1928*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1989

FARDILHA, Luís Fernando de Sá - *Poesia de D. Manoel de Portugal. I - Profana. Edição das suas Fontes*, Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, "Línguas e Literaturas - Anexo IV", 1991

*Espiritualidade e Corte em Portugal nos Séculos XVI-XVIII* (Actas do Colóquio de Maio, 1992), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, "Línguas e Literaturas - Anexo V", 1993

SOVERAL, Eduardo Abranches de - *Meditação Heideggeriana*, «Conferências da Faculdade de Letras do Porto - I», Porto, Ed. do Conselho Directivo, 1993

### III - TRABALHOS PUBLICADOS EM COLABORAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES

A - Com o CENTRO DE ESTUDOS HUMANÍSTICOS (Anexo à Universidade do Porto) (CEH):

#### I - REVISTAS:

*Studium Generale*, I série: 1953-1969, Centro de Estudos Humanísticos, Anexo à Universidade do Porto

*Lucerna. Cadernos de Arqueologia*, I série: 1961-1966, Centro de Estudos Humanísticos, Anexo à Universidade do Porto

## 2 - OUTRAS PUBLICAÇÕES:

CRUZ, Maria Isabel - *Novos subsídios para uma Edição Crítica da Lírica de Camões. Os Cancioneiros Inéditos de Madrid e do Escorial*, Porto, CEH, 1971

CRUZ, António - *O Porto na ^Génese dos Descobrimentos*, Porto, CEH, 1960

CRUZ, António - *As Invasões Francesas*, Porto, CEH, 1968

CRUZ, António - *Album de Paleografia* (Edição Provisória), Organizado por..., Porto, Faculdade de Letras do Porto - CEH, 1968

RAMOS, Luís António de Oliveira - *O Cardeal Saraiva*, Vol. I, Porto, CEH, 1972

SOVERAL, Eduardo S. Abranches - *O Método Fenomenológico: Estudo para a Determinação do seu Valor Filosófico*, Porto, C.E.H., "Amphitheatrum - XII", 1965

## B - Com o INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA (INIC):

### 1 - REVISTAS:

*Revista de História*, INIC-Centro de História (UP) (1978 ss.)

### 2 - OUTRAS PUBLICAÇÕES:

ARAUJO, Luís Carlos Gomes de - *A Ética como Pensar Fundamental. Elementos para uma Problemática da Moralidade*, "Estudos Gerais. Série Universitária", Lisboa, IN-CM, 1992

BRITO, Ana Maria Barros de - *A Sintaxe das Orações Relativas em Português. Estrutura, Mecanismos Interpretativos e Condições sobre a Distribuição dos Morfemas Relativos*, "Linguística - 17", Porto, INIC/Centro de Linguística (U.P.), 1991

CARVALHO, José Adriano Moreira de Freitas - *Gertrudes de Hefta e Espanha*, "Literatura - 5", Porto, INIC/Centro de Literatura (UP), 1981

FERNANDES, José Alberto V. Rio - *A Foz. Contribuição para o Estudo do Espaço Urbano do Porto*, Porto, INIC/FLUP, 1985

FONSECA, Luís Alberto Adão da - *O Condestável D. Pedro de Portugal*, "História - 5", Porto, INIC/Centro de História (UP), 1982

HOMEM, Armando Luís de Carvalho - *O Desembargo Régio (1230-1433)*, "História Medieval - 5", Porto, INIC/Centro de História (UP), 1990

MARQUES, Helder - *Região Demarcada dos Vinhos Verdes. Ensaio de Geografia Humana*, Porto, INIC/FLUP, 1985

MARQUES, João Francisco - *A Parenética Portuguesa e a Dominação Filipina*, "História - 6", Porto, INIC/Centro de História (UP), 1986

MARQUES, João Francisco - *A Parenética Portuguesa e a Restauração - 1640-1668*, 2 vols., "História Moderna e Contemporânea - 2", Porto, INIC/Centro de História (UP), 1988

MARTINS, Luís Paulo Saldanha - *Níveis Urbanos no Noroeste de Portugal. Dimensão Populacional e do Comércio a Retalho*, Porto, INIC/FLUP, 1985

PINA, Maria Helena Mesquita - *Bertiandos. Actual Arranjo do Espaço Agrário*, Porto, INIC/FLUP, 1985.

PINTO, Maria da Graça Lisboa Castro - *Abordagem a Alguns Aspectos da Compreensão Verbal na Criança. Estudo Psicolinguístico do "Token Test" e de Materiais de Metodologia Complementar*, "Linguística - 8", Porto, INIC/Centro de Linguística (UP), 1988

SANTOS, Cândido dos - *Os Jerónimos em Portugal. Das Origens aos 500 Anos do Século XVIII*, "Textos de História - 3", Porto, INIC/Centro de História (UP), 1980

SANTOS, Eugénio dos - *O Oratório no Norte de Portugal*, "Textos de História - 4", Porto, INIC/Centro de História (UP), 1982

SOUSA, Armindo de - *As Cortes Medievais Portuguesas (1385-1490)*, "História Medieval - 4", Porto, INIC/Centro de História (UP), 1990

VILELA, Mário Augusto Quinteiro - *O Léxico da Simpatia Humana e Social. Estudo sobre o Campo Lexical da Determinação Substantiva de Simpatia Humana e Social (1850-1900)*, "Linguística - 1", Porto, INIC/Centro de Linguística (UP), 1980

C - Com o NÚCLEO DE ESTUDOS FRANCESES DA UNIVERSIDADE DO PORTO:

1 - REVISTA:

*Intercâmbio*, 1990 ss

## 2 - OUTRAS PUBLICAÇÕES:

BRITO, Ferreira de - *Nas Origens do Teatro Francês em Portugal*, Porto, Núcleo de Estudos Franceses da Universidade do Porto, 1989

BRITO, Ferreira de - *Revolução Francesa. Emigração e Contra-Revolução*, Porto, Núcleo de Estudos Franceses da Universidade do Porto, 1989

BRITO, Ferreira de - *Voltaire na Cultura Portuguesa. Os Tempos e os Modos*, Porto, Núcleo de Estudos Franceses da Universidade do Porto, 1991

### D - Com a BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO:

EIRAS, Adriano - *Faculdade de Letras do Porto 1919-1931. Contribuição para a sua História*, Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1989

## IV - PUBLICAÇÃO DE ACTAS DE COLÓQUIOS E CONGRESSOS REALIZADOS OU APOIADOS PELA FLUP: Ver no final do «Guia»

### V - OUTRAS PUBLICAÇÕES DA FACULDADE (Divulgação interna):

#### 1 - CONSELHO DIRECTIVO

*Guia do Estudante*, Porto, 1980/81 ss

*Faculdade de Letras. 1988-1989*, Porto, 1989

*Dissertações Académicas*, Porto, 1991

*Conferências da Faculdade de Letras do Porto*, Porto 1993 ss

#### 2 - BIBLIOTECA CENTRAL:

*Boletim Bibliográfico* (Semestral), 1979 ss. (A partir do vol. 13, nº 2, Jul./Dez 1991 editado também em suporte informático)

*Núcleo de Teses Existentes na Biblioteca Central da F.L.U.P.*, "Boletim Bibliográfico - Anexo I", Porto, 1989; 1992 (Edição também em suporte informático)

*Trabalhos de Docentes da F.L.U.P.*, "Boletim Bibliográfico - Anexo II", Porto, 1989

*Núcleo das Obras que Constituem o Fundo Ultramarino da Biblioteca*

*Central da F.L.U.P.*, "Boletim Bibliográfico - Anexo III", Porto,   
*Núcleo Documental do Instituto de Estudos Norte-Americanos*, "Boletim  
Bibliográfico - Anexo IV", Porto, 1990

*Catálogo do Instituto de Estudos Ingleses*, Porto, 1992

*Catálogo da Sala Brasileira «Adolfo Casais Monteiro»*, Porto, 1993

*Bibliografias Temáticas*

*Boletim de Sumários*

*Reservados da Biblioteca Central*, 1ª ed., 1989; 2ª ed., 1990; 3ª ed.,

1992

*Actas das 4ª Jornadas PORBASE*, Porto, Biblioteca Central da FLUP,

1991

#### VI - PUBLICAÇÕES DO CENTRO DE ESTUDOS NORTE DE PORTUGAL - AQUITÂNIA (CENPA):

*I Jornadas de Estudo Norte de Portugal - Aquitânia*, Porto, Universidade do Porto - Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia, 1986

PEREIRA, Gaspar Martins - *O Douro. A Vinha, o Vinho e a Região de Pombal a João Franco*, Porto, Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia, 1990

*II Jornadas de Estudo Norte de Portugal-Aquitânia. L'Identité Régionale.*

*L'Idée de Région dans l'Europe du Sud-Ouest* (CENPA, Bordéus, Março de 1988), Paris, CNRS, 1991

#### VII - PUBLICAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES DA FACULDADE DE LETRAS DO PORTO (AEFLUP):

##### 1 - REVISTAS:

*Humanidades*

*Ícone. Revista de Colaboração Artística*

*Letras Soltas. Jornal da AEFLUP*



III Jornadas de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia «O Poder Regional. Mitos e Realidades», CENPA - Universidade do Porto, Porto, 22-26 de Março de 1993  
1º Congresso de Arqueologia Peninsular (Faculdade de Letras do Porto, 12-18 de Outubro de 1993)

### ACTAS DE COLÓQUIOS E CONGRESSOS

*O Porto na Época Moderna* (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1979), "Revista de História", Porto, INIC/Centro de História UP, vol. II, 1979, vol III, 1980  
*Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste* (Novembro de 1983), "Portugalia", Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Arqueologia, nova série, IV-V, 1983-1984  
*I Jornadas de Estudo Norte de Portugal - Aquitânia* (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1984), Porto, Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia (CENPA), 1986  
*II Jornadas Luso - Espanholas de História Medieval* (Novembro de 1985), 4 vols., Porto, Centro de História UP/INIC, 1987, 1989, 1990  
*Problemáticas em História Cultural* (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, "Línguas e Literaturas - Anexo I", 1987  
*Victor Hugo e Portugal. No Centenário da sua Morte.* (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1987). Actas do Colóquio, Porto, Ed. subsidiada pela Fundação Eng. António de Almeida e pela Fondation Calouste Gulbenkian, 1987  
*Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor* (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Estudos Ingleses, 1988  
*La Sociologie et les Nouveaux Défis de la Modernisation* (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1987), Porto, Association Internationale des Sociologues de Langue Française - Secção de Sociologia da Faculdade de Letras do Porto, 1988  
*Congresso Internacional "Bartolomeu Dias e a sua Época"*, 5 vols., Porto, Universidade do Porto - Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1989  
*Dois Línguas em Contraste: Português e Alemão.* Actas do 1º Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1988), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Estudos Germanísticos, "Línguas e Literaturas - Anexo III", 1989  
*Encontro de Literatura Suíça* (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1989), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Estudos Germanísticos, 1989  
*Eça e "Os Maias"*, I Encontro Internacional de Queirosianos (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1988), Porto, Edições ASA, 1990  
*II Jornadas de Estudo Norte de Portugal-Aquitânia (CENPA). L'Identité Régionale. L'Idée de Région dans l'Europe du Sud-Ouest* (Bordéus, março de 1988), Paris, CNRS, 1991  
*A Recepção da Revolução Francesa em Portugal e no Brasil* (Faculdade de Letras do Porto, 2-9 de Novembro de 1989), 2 vols., Porto, Universidade do Porto, 1992  
*Espiritualidade e Corte em Portugal nos Séculos XVI-XVIII* (Actas do Colóquio de Maio, 1992), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, "Línguas e Literaturas - Anexo V", 1993

COLÓQUIOS E CONGRESSOS PATROCINADOS OU APOIADOS PELA F.L.U.P.

- O Porto na Época Moderna* (Centro de História U.P., Novembro de 1979)  
*Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste* (Instituto de Arqueologia, Novembro de 1983)  
*I Jornadas de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia* (Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia, Novembro de 1984)  
*Victor Hugo e Portugal* (7-10 de Maio de 1985)  
*II Jornadas Luso - Espanholas de História Medieval* (Novembro de 1985)  
*Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor* (Instituto de Estudos Ingleses, 15-18 de Outubro de 1986)  
*Problemáticas em História Cultural* (Instituto de Cultura Portuguesa, Outubro de 1986)  
*I Congresso de Literaturas Marginais* (23-25 de Abril de 1987)  
*La Sociologie et les Nouveaux Défis de la Modernisation* (Maio de 1987)  
*Oscar Lopes*. Homenagem da Associação de Estudantes da FLUP (Maio de 1987)  
*II Jornadas de Estudo Norte de Portugal-Aquitânia (CENPA). L'Identité Régionale. L'Idée de Région dans l'Europe du Sud-Ouest*, Bordéus, Março de 1988  
*Congresso Internacional «Bartolomeu Dias e a sua Época»* (Universidade do Porto - Comissão Nacional dos Descobrimientos Portugueses, 21-23 de Setembro de 1988)  
*Eça e "Os Maias"*, I Encontro Internacional de Queirozianos (Novembro de 1988)  
*1º Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão* (Instituto de Estudos Germanísticos, 6-7 de Outubro de 1988)  
*Encontro de Literatura Suíça* (Maio de 1989)  
*A Recepção da Revolução Francesa em Portugal e no Brasil* (Novembro de 1989)  
*Colóquio Comemorativo do 150º do Nascimento de Thomas Hardy* (6-7 de Dezembro de 1990)  
*Colloque International Edouard Glissant* (24-27 de Outubro de 1990)  
*Colóquio Evocativo do 50º Centenário da Morte de F. Scott Fitzgerald* (Instituto de Estudos Norte-Americanos, 6-7 de Dezembro de 1990)  
*Jornadas Literárias Suíças* (15-17 de Abril de 1991)  
*Colóquio com Michel Mohrt* (Acad. Francesa) e com os romancistas Maurice Poiard e Catherine Axelrad (19-21 de Junho de 1991)  
*Colóquio da Comissão Internacional de Diplomática* (9-12 de Setembro de 1991)  
*Antero de Quental e o Destino de uma Geração*, Colóquio Internacional no Centenário da sua Morte (20-22 de Novembro de 1991)  
*Colóquio «Educação, Cultura e Cultura Escolar»* (17 de Janeiro de 1992)  
*Congresso «Municipalismo e Desenvolvimento no Noroeste Peninsular»* - 140º Aniversário da Fundação do Concelho do Marco de Canaveses (26-28 de Março de 1992)  
*Noites de Sociologia «Mudam-se os Campos, Mudam-se as Cidades?»; «Cultura, Trabalho e Formação das Identidades Juvenis?»; «O admirável Mundo Novo da Empresa?»; «Novos Movimentos Sociais: o Adeus às Lutas?»* (29 de Abril, 7, 14, 20 de Maio de 1992)  
*Encontro do «Núcleo de Estudos Medievais - Linguística e Literatura»* (4 de Maio de 1992)  
*Ciclo de Colóquios «Do Corpo Interdito ao Corpo Pedagógico»; «Determinismo(s) e Liberdade em Educação»* (Instituto de Ciências da Educação, 21-28 de Maio de 1992)  
*Espiritualidade e Corte em Portugal (Séculos XVI-XVIII)* (Instituto de Cultura Portuguesa, 28-30 de Maio de 1992)  
*XX Internationals Mediävistisches Colloquium* (13-20 de Setembro de 1992)  
*VI Colóquio Ibérico de Geografia. A Península Ibérica - Um Espaço em Mutação* (Instituto de Geografia, 16-20 de Setembro de 1992)  
*Linguagem*. Colóquio de Homenagem a Vergílio Ferreira, nos cinquenta anos da sua vida literária (28-30 de Janeiro de 1993)

# **PROGRAMAS**



## INTRODUÇÃO ÀS CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Docentes: Prof. Doutor Adalberto Dias Carvalho

Dr<sup>a</sup> Eugénia Vilela

Dr<sup>a</sup> Paula Cristina Pereira

Dr<sup>a</sup> Maria João Couto

Dr<sup>a</sup> Elsa Cerqueira

### 1. Problemática histórica e sociológica

1.1. A educação como um direito social e humano.

1.2. A institucionalização escolar da educação.

1.2.1. Algumas teses sobre o estatuto da escola

1.3. A relação Escola/Cultura/Sociedade: as principais perspectivas da Sociologia da Educação.

1.3.1. O papel da cultura escolar.

1.4. Génese e desenvolvimento dos modelos educativos e escolares:

1.4.1. Matrizes culturais da educação contemporânea.

1.4.2. Evolução do estatuto da função docente e a emergência de um saber educacional específico.

### 2. Problemática pedagógica

2.1. A crise da pedagogia tradicional: seu sentido e actualidade.

2.2. O debate pedagogias da essência/pedagogias da existência; directividade/ não directividade; pedagogias da hetero- estruturação, da autoestruturação e da interestruturação.

2.3. Características e significado das pedagogias do projecto.

2.4. A formação de professores: o desafio da formação-investigação.

2.5. Por uma pedagogia da complexidade ...

### 3. Problemática epistemológica

3.1. Aspectos da evolução recente da investigação educacional.

3.1.1. O processo de definição da educação como objecto de estudo científico.

3.1.2. O debate qualitativo-quantitativo.

3.2. Quadro geral das Ciências da Educação.

3.2.1. A questão da identidade, da autonomia e da abertura das Ciências da Educação.

#### 4. Problemática antropológica

- 4.1. A educabilidade como dimensão antropológica.
- 4.2. Reprodução, criatividade e cultura escolar.
- 4.3. Projecto e utopia.
- 4.4. O corpo social e o corpo pedagogizado.
- 4.5. Razão e imaginação.
- 4.6. Liberdade e autoridade.
- 4.7. Recompensas e punições: um sentido antropológico.

#### BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

AVANZINI, G - A pedagogia no século XX, Lisboa, Moraes, 1978.

CARVALHO, A.- Epistemologia das Ciências da Educação, Porto, Afrontamento, 1988.

CLAUSSE, A.- A relatividade educativa. Esboço de uma história e de uma filosofia da escola, Coimbra, Almedina, 1976.

DE LANDSHEERE, G.- A investigação experimental em Pedagogia, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1986.

FORQUIN, J.C. - École et Culture, Bruxelas, Ed. de Bocck--Wesmaes, 1989

MIALARET, G. - As Ciências da Educação, Lisboa, Moraes, 1976.

NÓVOA, A. - Le temps des Professeurs

NOT, L.; BRU, M. (sob direcção de) - Où va la pédagogie du project?, Toulouse, Ed. Universitaire du Sud, 1987.

NOT, L. (sob direcção de) - Une science spécifique pour l'éducation?, Toulouse, Publi. de L'Univ. de Toulouse-le-Mirail, 1984.

RESWEBER, J. P. - Les pédagogies nouvelles, Paris, P.U.F., 1986.

SYNDERS, G. - Para onde vão as pedagogias não directivas?, Lisboa, Moraes, 1976.

SUCHODOLSKI, B. - A pedagogia e as grandes correntes pedagógicas, Lisboa, Livros Horizonte, 1972.

## ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO CURRICULAR

Docentes: Dr<sup>a</sup> Fernanda Figueira

Dr. Raul Cunha

Dr<sup>a</sup> Olga Lima

Dr. Luís Antunes

### I. Introdução

A disciplina de Organização e Desenvolvimento Curricular, abrangendo de certa forma, todo o sistema de ensino, proporciona um espaço de análise crítica do processo de ensino-aprendizagem, sensibilizando os novos docentes para a necessidade de racionalizarem e sistematizarem cientificamente a sua actividade.

Sem preterir a vertente pragmática, implícita no âmbito da teoria curricular, quer a nível da organização, quer do seu desenvolvimento, pareceu-nos conveniente reforçar a componente teórica. Tal orientação coloca-nos em sintonia com a linha do pensamento educativo segundo a qual o professor deve aliar a investigação e a reflexão à sua prática docente.

O professor carece de uma sólida base teórica que lhe permita investigar num campo - o da educação - onde permanecem black boxes plurais, cujo interior pode e deve ser pesquisado.

Este rumo implica sólido investimento na formação dos professores no campo curricular habilitando-os como construtores críticos do currículo, revelando a natureza problemática, complexa e situacional das decisões e práticas educativas.

### II. Objectivos

- Desenvolver atitudes de reflexão e de investigação científica.
- Reflectir sobre os actuais modelos de educação.
- Adquirir os conhecimentos da teoria e desenvolvimento do currículo.
- Analisar os diferentes modelos de ensino.
- Compreender a existência das várias orientações curriculares e sua incidência na prática educativa.
- Aplicar o processo de desenvolvimento curricular a situações concretas, nomeadamente à actual Reforma Curricular dos Ensinos Básico e Secundário.

### III. Conteúdos Programáticos

#### A. AULAS TEÓRICAS

##### 1. Análise sistémica da Educação.

###### 1.1. Teoria Geral de Sistemas.

- 1.1.1. Natureza e tipos de sistema.
- 1.1.2. Paradigmas científicos
- 1.1.3. Delimitações e características do Sistema Educativo.
- 1.2. Educação como sistema comunicacional.
  - 1.2.1. Teorias da comunicação.
  - 1.2.2. Modelos e componentes do sistema comunicacional.
  - 1.2.3. Modelos de comunicação educativa.
- 1.3. Educação como sistema tecnológico.
  - 1.3.1. Natureza da tecnologia educativa.
  - 1.3.2. Tecnologia como metodologia.
  - 1.3.3. Modelos didáticos.

## 2. Problemática conceptual do currículo.

### 2.1. Teoria do currículo.

- 2.1.1. Natureza e fontes do currículo.
- 2.1.2. Teorias curriculares.
- 2.1.3. Metateorias curriculares.
  - 2.1.3.1. Problemática teoria/prática curricular.
  - 2.1.3.2. Problemática Educação/Sociedade.
- 2.1.4. Códigos e tipos de currículo.
- 2.1.5. Modelos de organização curricular.

### 2.2. Desenvolvimento curricular.

- 2.2.1. Planificação curricular.
  - 2.2.1.1. Pressupostos e natureza.
  - 2.2.1.2. Níveis de decisão: política, institucional e docente.
  - 2.2.1.3. Projecto Educativo/ Projecto Curricular.
  - 2.2.1.4. Modelos de planificação de ensino.

#### 2.2.2. Componentes.

##### 2.2.2.1. Objectivos

- 2.2.2.1.1. Natureza e definição.
- 2.2.2.1.2. Fontes e critérios de selecção.
- 2.2.2.1.3. Operacionalização.

##### 2.2.2.2. Conteúdos

- 2.2.2.2.1. Natureza epistemológica e vital.
- 2.2.2.2.2. Critérios de selecção, estruturação e sequência.

##### 2.2.2.3. Estratégias

- 2.2.2.3.1. Significado no desenvolvimento curricular.
- 2.2.2.3.2. Natureza e âmbito.
- 2.2.2.3.3. Critérios de selecção, estruturação e sequência.

- 2.2.2.4. Avaliação
- 2.2.2.4.1. Natureza e funções.
- 2.2.2.4.2. Modelos de avaliação.
- 2.2.2.4.3. Tipos de avaliação.
- 2.2.2.4.4. Instrumentos.

### 3. Desenvolvimento curricular e formação de professores

#### B. AULAS PRÁTICAS

##### 1. Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE)

###### 1.1. Conceitos subjacentes à lei de:

1.1.1. Educação.

1.1.2. Cidadão.

1.1.3. Sociedade.

###### 1.2. Finalidades da lei e sua hierarquização.

1.2.1. No conjunto da lei.

1.2.2. Diferenciada segundo os níveis de ensino:

1.2.2.1. Básico.

1.2.2.2. Secundário.

###### 1.3. Diferenças entre o Ensino Básico e o Ensino Secundário a nível da:

1.3.1. Diversificação curricular.

1.3.2. Educação compensatória e acompanhamento pedagógico dos alunos.

1.3.3. Utilização dos tempos extra-aula.

##### 2. Análise sistémica do processo educativo português

##### 3. Reforma do Sistema Educativo Português

3.1. Contexto da Reforma: fontes e determinantes.

3.2. Conceito(s) e filosofia de educação subjacentes à Reforma.

3.3. Conceito(s) de sucesso educativo.

3.4. Organização curricular:

3.4.1. Conceito de currículo e metateoria(s) emergente(s).

3.4.2. Objectivos curriculares e finalidades da LBSE.

3.4.3. Critérios orientadores da selecção e organização dos conteúdos.

3.4.4. Modelo(s) de ensino emergente(s).

3.4.5. Avaliação.

## BIBLIOGRAFIA

- APPLE, M. W. - Ideologia y Currículo, Madrid, Akal, 1986
- BALLANTI, G. - Modelli di Apprendimento e schemi di insegnamento, Teramo, Lisciani e Giunti, 1989
- CARDINET, J. - Pour apprécier le travail des élèves, 2ª ed., Paris, Éd. Universitaires, 1990
- CLOUTIER, J. - A Era de Emerec ou a comunicação audio-scripto-visual na hora dos self-media, Lisboa, Instituto de Tecnologia Educativa, s/d.
- COLL, C. - Psicología y Curriculum, Barcelona, Leia, 1987
- COMISSÃO DE REFORMA DO SISTEMA EDUCATIVO - Proposta global de reforma. Relatório final, Lisboa, Ministério da Educação, 1988
- FERNANDES, Graça et al. - Desenvolvimento curricular, Lisboa, Gabinete de Estudos e Planeamento - Ministério da Educação, 1992
- FORQUIN, Jean-Claude - École et culture, Paris, Éd. Universitaires, 1989
- D'HAINAUT, L. - Educação. Dos fins aos objectivos, Coimbra, Almedina, 1980
- GIMENO SÁCRISTAN, J. - El curriculum: una reflexión sobre la práctica, Madrid, Ed. Morata, 1988
- GIMENO SÁCRISTAN, J.; PÉREZ GOMEZ, A. - Comprender y transformar la enseñanza, Madrid, Ed. Morata, 1992
- HILLS, J.J. - Teaching, learning and communication, Londres, Croom Helm, 1986
- KELLY, A.V. - O currículo: teoria e prática. S. Paulo, Habra, 1980
- KEMMIS, S. - El curriculum: más allá de la teoría de la reproducción, Madrid, Ed. Morata, 1988
- LANDSHEERE, V.; LANDSHEERE, G. - Definir os objectivos da educação, Lisboa, Morais, 1977
- LITTLEJOHN, S.W. - Fundamentos teóricos da comunicação humana, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982
- MARAGLIANO, R.; VERTECCHI, B. - La programmazione didattica, Roma, Riuniti, 1986
- MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO - Organização curricular e programas, Lisboa, Direcção-Geral dos Ensinos Básico e Secundário, 1991
- POCZTAR, J. - Analyse systémique de l'éducation: essai, Paris, E.S.F., 1989
- RIBEIRO, A.C. - Desenvolvimento curricular, Lisboa, Texto Editora, 1990

RIBEIRO, L.C. - Avaliação da aprendizagem, 2ª ed., Lisboa, Texto Editora, 1990

ROSALES, C. - Avaliar é reflectir sobre o ensino, Porto, Ed. Asa, 1992

ROWTREE, D. - Educational technology in curriculum development, 2ª ed., Londres, Harper & Row, 1986

SÁENZ, O. (dir.) - Organización escolar, Madrid, Ed. Anaya, 1985

STENHOUSE, L. - An introduction to curriculum research and development, London, H.E.B., 1981

TENBRINK, T. - Evaluation: a practical guide for teachers, New York, Mc Graw-Hill, 1984

TYLER, R. - Princípios básicos de currículo e ensino, 10ª ed., Rio de Janeiro, Ed. Globo, s/d.

UNESCO - O educador e a abordagem sistémica, Lisboa, Ed. Estampa, 1980

VÁRIOS - Del proyecto educativo a la programación de aula, Barcelona, Ed. Graó, 1992

ZABALZA, M. A. - Planificação e desenvolvimento curricular, Porto, Ed. Asa, 1992

NOTA. A bibliografia específica e documentação legal serão oportunamente fornecidas.

## PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E DA APRENDIZAGEM

Docentes: Prof. Doutor Leandro S. Almeida

Dr<sup>a</sup> Fernanda Martins

Dr. Eurico Marques da Silva

Dr<sup>a</sup> Fátima Morais

### 1. Objectivos gerais

- Apresentar e justificar a integração da Psicologia na formação de professores.
- Situar o estudo da adolescência no âmbito da Psicologia do Desenvolvimento.
- Identificar as principais características da adolescência.
- Analisar as implicações do conhecimento da Psicologia da Adolescência na prática educativa.
- Identificar as principais Teorias da Aprendizagem e suas implicações psicopedagógicas;
- Relacionar aprendizagem e desenvolvimento como componentes de um estudo global do adolescente em situação educativa.
- Aplicar os conhecimentos a situações de ensino/aprendizagem, mais concretamente ao papel mediador do professor.

### 2. Conteúdo programático

#### I. Psicologia e Educação.

1. Objecto e método da Psicologia: a Psicologia como ciência experimental.
2. Correntes actuais da Psicologia.
3. A Psicologia na formação de professores.

#### II. Psicologia do Desenvolvimento.

1. Teorias do desenvolvimento humano e suas implicações educacionais.
2. Abordagem desenvolvimento psicológico até à puberdade.
3. Abordagem específica do desenvolvimento do Adolescente.
  - 3.1. Introdução à adolescência.
    - 3.1.1. Perspectiva histórica e antropológica.
    - 3.1.2. A Adolescência no ciclo de vida.

- 3.2. Dimensões do Desenvolvimento na Adolescência.
  - 3.2.1. Desenvolvimento físico e psico-sexual.
  - 3.2.2. Desenvolvimento cognitivo.
  - 3.2.3. Desenvolvimento interpessoal e moral.
  - 3.2.4. Desenvolvimento sócio-emocional.
  - 3.2.5. Desenvolvimento vocacional e identidade.
- 3.3. O normal e o patológico no desenvolvimento adolescente.
- 3.4. Desenvolvimento do jovem adulto.

### III. Psicologia da Aprendizagem.

1. Definição e características da aprendizagem.
2. Principais concepções de aprendizagem e suas implicações educativas.
  - 2.1. Teorias Comportamentais.
  - 2.2. Teoria Humanistas.
  - 2.3. Teorias Cognitivas.
3. Programas de facilitação da aprendizagem.
  - 3.1. Programas de competência de estudo.
  - 3.2. Programas de treino de funções cognitivas.

### IV. Conclusão

1. A aprendizagem e o desenvolvimento do adolescente.
  - 1.1. A interpenetração necessária de ambos os aspectos.
  - 1.2. A prática pedagógica na rentabilização de ambos os aspectos e o papel mediador do professor nessa rentabilização.

**Nota:** Refira-se que estes conteúdos são repartidos pelas aulas teóricas e práticas, sendo distribuídos no início do ano lectivo o sumário detalhado de cada uma dessas aulas, assim como os textos que aprofundam tais assuntos (textos de apoio).

## METODOLOGIA DO ENSINO DA HISTÓRIA

Docente: Dr. Aníbal Barreira

### I. Objectivos

O programa de Metodologia do Ensino da História propõe-se:

- transmitir conceitos/noções fundamentais do ensino da disciplina
- equacionar formas de comunicação e de expressão, aptidões intelectuais e estratégias cognitivas, atitudes e valores afins
- destacar a função formativa e informativa da História

De modo a que, no final do curso, os alunos sejam capazes de:

- identificar noções básicas/conceitos fundamentais no ensino da História
- saber formular objectivos, seleccionar conteúdos, explorar estratégias, fazer planos, utilizar critérios de avaliação
- avaliar a importância do ensino da História no contexto do ensino básico (3º ciclo) e secundário

### II. Conteúdos programáticos

#### 1. Aulas teóricas

- 1.1. os objectivos da educação - o contributo da História nas suas vertentes formativa e informativa
- 1.2. a problemática da directividade, não/directividade no ensino da História
  - 1.2.1. a pedagogia por objectivos (alcance e valor das taxonomias)
  - 1.2.2. o trabalho de projecto
  - 1.2.3. a semi-directividade na sala de aula - a dialéctica do diálogo (confronto com a pedagogia tradicional)
- 1.3. as estratégias no ensino da História
  - 1.3.1. a importância do documento (escrito, iconográfico)
  - 1.3.2. a didáctica dos meios audio-visuais (técnicas de exploração)
  - 1.3.3. a História local e regional - a exploração do meio, as visitas de estudo
- 1.4. planificar em história-tipos, características, factores condicionantes do plano
- 1.5. avaliar e classificar na disciplina de história:

1.5.1. avaliação do processo e avaliação do produto (os momentos da avaliação)

1.5.2. a construção do teste - critérios de elaboração, tipos, factores determinantes

## 2. Aulas práticas

Aplicação, em duas unidades dos novos programas da disciplina de História, dos vectores fundamentais do domínio pedagógico-didáctico:

2.1. formulação de objectivos (regras a seguir, erros a evitar)

2.2. selecção de conteúdos

2.3. exploração de recursos (documentos escritos e iconográficos, quadros, organigramas, transparências, audio-visuais)

2.4. organização de visitas de estudo (a museus, arquivos, monumentos);  
feitura de guiões

2.5. elaboração de planos

2.6. redacção de testes (tipo, objectivo, ensaio) e feitura de tabelas de especificações

## III. Bibliografia

BRUNET, J.P. e PLESSIS, A. - Explications de textes historiques, Armand Colin, Paris, 1970

BURZEA, C. - Hacia una didactica por objetivos, Moreta, Madrid, 1980

CHAFFER, John e Taylor, Lawrence - A História e o Professor de História, Livros Horizonte, Lisboa, 1984

CITRON, Suzanne - Ensinar a História hoje, Livros Horizonte, 1990

CORTE, E. e outros - Les Fondements de l'Action Didactique, A. do Bock, Bruxelles, 1979

GORING, Paul - Manual de Medições e avaliação do Rendimento escolar, Almedina, Coimbra, 1981

LANDSHEERE, Gilbert e Vivianne - Definir os objectivos da educação, Moraes Editores, Lisboa, 1976, 1ª ed.

LUC, Jean-Noel - L'Histoire par l'étude du milieu, les éditions ESF, 1984

NOT, Luís - Ensinar e Fazer Aprender, Edições Asa, 1991

PARRA, Nélio e Ivone - Técnicas audio-visuais de educação, Biblioteca Pioneira, S. Paulo, 1985

PEIRADO, F. - Comentário de textos históricos, Dilagro, Lerida, 1987

PROENÇA, Maria Cândida - Ensinar/Aprender História, Livros Horizonte, 1990

RIBEIRO, António e Lucie Carrilho - Planificação e avaliação do Ensino-Aprendizagem, Universidade Aberta, 1989

RIBEIRO, Lucie Carrilho - Avaliação da Aprendizagem, Texto Editora, Lisboa, 1990

TENBRINK, Terry - Evaluation Guia Practica para professores, Narcea, Madrid, 1988

ZABALZA, Miguel - Planificação e desenvolvimento curricular na escola, Edições Asa, 1992

## METODOLOGIA DO ENSINO DA FILOSOFIA

Docente: Dr<sup>a</sup> Maria Florinda Albergaria

Dr<sup>a</sup> Maria Isabel Aguiar

### Finalidades

No pressuposto de que saber e saber ensinar não são coincidentes e de que o uso pedagógico de um não saber não decorre espontaneamente da posse desse saber mas exige, a par de uma fundamentação teórica do acto de ensinar, aquisição de técnicas e processos metodológicos especializados, as finalidades que este programa se propõe atingir são:

- favorecer uma reflexão crítica sobre o acto pedagógico, na perspectiva da filosofia;
- propiciar a integração da informação científica pré-existente no quadro das exigências do ensino da Filosofia;
- estimular a aquisição das competências didácticas requeridas pelo ensino da Filosofia;
- suscitar a emergência de atitudes e competências no sentido da auto-formação futura.

### Objectivos

Pretende-se que, no final do curso, o aluno seja capaz de:

- compreender o sentido e a importância do acto pedagógico;
- analisar criticamente o lugar e o papel do ensino da Filosofia no contexto curricular;
- consciencializar as potencialidades interdisciplinares da Filosofia;
- analisar a estrutura, finalidades e conteúdos dos programas, quaisquer que sejam;
- mobilizar os conhecimentos científicos de que dispõe, no quadro das exigências programáticas;
- explicitar as metodologias de ensino mais adequadas à aprendizagem da Filosofia;
- analisar as estratégias e as técnicas utilizáveis no ensino da Filosofia;
- reconhecer a importância da avaliação para o ajustamento da prática pedagógica.

## Esquema programático

### I. Introdução

A relação pedagógica e os seus elementos: perspectiva psicológica, sociológica e institucional.

### II. Didáctica da Filosofia e sua especificidade.

#### 1. A Filosofia no curriculum do ensino secundário.

1.1. Fundamentos do ensino da Filosofia.

1.2. Problemas do ensino da Filosofia: formação e informação.

1.3. Relação da Filosofia com as outras disciplinas.

1.4. Programas de Filosofia.

1.4.1. Referência à sua evolução no contexto do Sistema Educativo.

1.4.2. Análise estrutural e crítica dos programas mais recentes.

1.5. Finalidades e objectivos.

#### 2. Os instrumentos didácticos em Filosofia.

2.1. Planificação didáctica: a articulação de objectivos, conteúdos e estratégias.

2.2. Execução didáctica.

2.2.1. Métodos filosóficos e métodos pedagógicos.

2.2.2. O diálogo em Filosofia.

2.2.3. Estratégias didácticas: a lição, o trabalho de texto, o trabalho de grupo, o trabalho dirigido, os audio-visuais.

2.2.4. Meios auxiliares da didáctica da Filosofia.

2.3. Avaliação: princípios fundamentais e especificidade da avaliação em Filosofia.

## BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Beatriz R. - Filosofia, Pedagogia e Didáctica I e II, Coimbra, Ed. do Autor, 1984 e 1988

CAMPOMANES, César Tejedor - Didáctica de la Filosofia. Perspectivas y Materiales. Ed. S.M., Madrid, 1984

CORTESÃO, Luísa - Avaliação Pedagógica II, Porto, Porto Editora, s/d.

DUARTE, Manuel D. - Objectivos, Estratégias e Avaliação no Secundário. O Exemplo da Filosofia, Lisboa, Livros Horizonte 1982

ENTONADO, Florentino B. e outros - Didáctica General, Madrid, Anaya, 1983

- FEY, Eduardo - O ensino da Filosofia, Separata "Brotéria", vol. 107, 1978
- GILOT, Fernando - Do Ensino da Filosofia, Lisboa, Livros Horizonte, 1976
- IZUZQUIZA, Ignacio - La Clase de Filosofía como Simulación de la Actividad Filosófica, Madrid, Anaya, 1982
- NEVES, Eduíno; GRAÇA, Marina - Princípios Básicos de Prática Pedagógico-Didáctica, Porto, Porto Editora, 1987
- POSTIC, Marcel - A Relação Pedagógica, Coimbra, Coimbra Editora, 1984
- SANTIUSTE, Victor; VELASCO, Francisco G. de - Didáctica de la Filosofía, Madrid, Narcea 1984
- SANTOS, Delfim - Da Filosofia, Lisboa, Livros Horizonte, s/d.
- VÁRIOS - États Généraux de la Philosophie, Paris, Flammarion, 1979
- " - GREPH - Qui a peur de la Philosophie?, Paris, Flammarion, 1977

## METODOLOGIA DO ENSINO DA GEOGRAFIA

Docente: Dr<sup>a</sup> Maria Helena Ramalhão Dias Ramalho

### 1. Finalidades

A preparação dos professores de Geografia implica necessariamente a aquisição de princípios de ordem metodológica que, pela sua importância e actualidade, constituem os fundamentos e as bases de toda a formação pedagógica.

Como a Geografia não constitui uma área isolada do saber, a referida preparação terá que incidir não só nos seus princípios metodológicos específicos, mas também em princípios comuns a outras disciplinas, indispensáveis a um bom entendimento e a um eficaz desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

Verifica-se assim a existência de uma diversidade de situações a contemplar num programa de Metodologia da Geografia, cuja finalidade última consiste em procurar que aqueles a quem se destina consigam estabelecer uma articulação coerente entre as Ciências da Educação, Geografia e a prática pedagógica.

### 2. Esquema conceptual

O professor de Geografia deve possuir um conjunto de conhecimentos de natureza pedagógica que, ao serem postos em prática, possibilitem o desenvolvimento de actividades conducentes à formação dos educandos.

### 3. Objectivos

#### - Saber-ser:

- Potenciar a abertura à inovação.
- Desenvolver mecanismos de abertura na relação pedagógica.
- Reflectir sobre a actividade profissional do professor de Geografia.
- Reflectir sobre o valor formativo da Geografia.
- Desenvolver o saber, o saber-fazer e o saber-ser adquiridos numa perspectiva de autoformação permanente.

#### Saber-fazer:

- Analisar o estatuto da Geografia enquanto disciplina curricular.
- Analisar o contributo da Geografia para a Educação Ambiental.
- Integrar os conteúdos geográficos no todo dos programas, valorizando os aspectos interdisciplinares e transdisciplinares.
- Planificar, tendo em conta os programas de Geografia.

- \* Definir objectivos associados aos diversos saberes geográficos.
- \* Seleccionar uma trama conceptual coerente.
- \* Diferenciar os métodos e as técnicas utilizados na educação geográfica.
- \* Conceber meios didácticos enquadrados na linha metodológica.
- \* Comparar estratégias diversificadas no ensino-aprendizagem da Geografia.
- \* Aplicar técnicas de expressão e comunicação utilizadas em Geografia.
- \* Analisar formas de observação dos alunos em situação escolar.
- \* Elaborar provas para avaliação do processo e do produto da educação geográfica.
- \* Interpretar os resultados obtidos nesse tipo de provas.
- Analisar a problemática do trabalho de campo, enquanto actividade interdisciplinar privilegiada e elemento de desenvolvimento dos saberes geográficos.

#### Saber:

- Conhecer os fundamentos de natureza sociológica e psicológica que servem de apoio a uma Pedagogia geográfica.
- Dominar os conhecimentos relativos aos conteúdos geográficos inerentes aos planos de estudo.

#### 4. Estrutura Temática

Introdução: Ser professor de Geografia.

I Parte: Valor educativo da Geografia:

- Dimensões da educação geográfica.
- Fundamentos de uma Pedagogia geográfica.
- Educação geográfica e educação ambiental.

II Parte: Organização do ensino da Geografia:

- Programas; articulação; interdisciplinaridade.
- Planificação em Geografia:
- \* Objectivos e conteúdos.
- \* Métodos, técnicas e meios didácticos.
- \* Avaliação: observação e avaliação; tipos de avaliação; elaboração de instrumentos de avaliação; interpretação dos resultados.
- Trabalho de campo: especificidade da preparação e implementação

## 5. Formas de actuação

Serão analisados os temas constituintes do programa, utilizando-se estratégias variadas que possam dar aos alunos uma visão ampla das diversas formas de actuação de um professor na sala de aula.

## 6. Avaliação

Proceder-se-á conforme as normas gerais de avaliação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

## BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

- ALEXANDRE, F. e DIOGO, J. - Didáctica da Geografia, Lisboa, Texto Editora, 1990
- BAIGORRI, J. et alii - Enseñar la ciudad. Didáctica de la Geografía Urbana, Madrid, Ediciones de la Torre, 1987
- BAILEY, P. - Didáctica de la Geografía, Madrid, Editorial Cincel, 1985
- BRITO, Raquel S. e POEIRA, Maria de Lurdes - Didáctica da Geografia, Lisboa, Universidade Aberta, 1991
- CAVACO, M.H. - A educação ambiental para o desenvolvimento, Col. Cadernos de Inovação Educacional, Lisboa, Escolar Editora, 1992
- COLL, C. et alii - Los contenidos en la Reforma, Madrid, Santillana, 1992
- DEBESSE-ARVISET, M. L. - A educação geográfica na escola, Coimbra, Livraria Almedina, 1978
- FAZENDA, I. (Org.) - Práticas interdisciplinares na escola, S. Paulo, Cortez Editora, 1991
- FERNANDEZ, Salvador Aldana - Didáctica de las Ciencias Humanas - Geografía, Alcoy, Editorial Marfil, 1982
- GRAVES, Norman J. - La enseñanza de la Geografía, Madrid, Visor Libros, 1985
- GRAVES, N. (coord.) - Nuevo método para la enseñanza de la Geografía, Barcelona, Editorial Teide, 1989
- POMBO, O. et alii - A interdisciplinaridade - Reflexão e experiência, Lisboa, Texto Editora, 1993
- SUREDA, J. e COLOM, A. - Pedagogia ambiental, Barcelona, Ediciones CEAC, 1989
- VERCHER, M.R. - Educación ambiental: diseño curricular, Serie Educación y Futuro, Madrid, Ed. Cincel, 1990

Nota: Bibliografia específica para os assuntos a tratar será comunicada no momento adequado.

## METODOLOGIA DO ENSINO DO PORTUGUÊS

Docentes: Dr<sup>a</sup> Aida Santos

Dr<sup>a</sup> Olívia Figueiredo

### A. Objectivos.

Dada a complexidade do ensino/aprendizagem da língua materna, na sua dupla vertente - ensino da língua/ ensino da literatura -, e considerando o papel predominante da língua materna no ensino em geral, impõe-se uma relação muito estreita entre a teorização de certas problemáticas e a prática pedagógica enquanto objecto fundamental da disciplina em questão.

A presente proposta de programa, destinando-se a futuros professores de Português do ensino secundário (7<sup>o</sup>-12<sup>o</sup> Anos de Escolaridade), tem como objectivos:

#### I. Gerais

1. Compreensão do valor formativo - cognitivo e sócio-afectivo do ensino da língua materna.
2. Compreensão da relação da língua materna com o ensino /aprendizagem das outras áreas disciplinares curriculares.
3. Preparação para a actividade docente, através do equacionamento das variáveis complexas do acto pedagógico.

#### II. Específico.

Preparação para a planificação, execução e avaliação de aulas de Português, com vista a uma gestão competente dos programas nos vários níveis/anos de escolaridade.

### B. Conteúdos programáticos.

#### I. Situação actual do ensino do Português.

1. Problematização dos objectivos do ensino da língua materna.
2. Análise dos programas oficiais.
3. Apreciação crítica de manuais disponíveis.

#### II. Problemas teórico-metodológicos

1. Curso Unificado.

Domínios: ouvir/falar, ler, escrever, funcionamento da língua.

- 1.1. A problemática da leitura: texto não literário/texto literário.
- 1.2. Pedagogia da oral

- 1.3. Pedagogia da escrita.
- 1.4. Instrumentos de análise: gramática de frase/gramática de texto.
2. Ensino Secundário.
  - 2.1. Relação ensino da língua/ensino da literatura.
  - 2.2. Relação teoria/metodologias.
  - 2.3. Didáctica da literatura: géneros literários; periodização.

### III. Prática pedagógica.

Planificação de unidades didácticas nos vários níveis do ensino básico e secundário.

### IV. Avaliação.

A problemática da avaliação na aula de língua materna.

### BIBLIOGRAFIA

- AZNAR, E. et al. - Coherencia textual y lectura, Barcelona, I.C.E., 1991
- BRONCKART, J.P. - Le Fonctionnement des discours, Paris, Delachaux & Niestlé, 1985
- CHARMEUX, E. - L'écriture à l'école, Paris, CEDIC, 1983
- " - La lecture à l'école, Paris, CEDIC, 1975
- CHISS, J.L. et al. - Apprendre/Enseigner à produire des textes écrits, Bruxelles, De Boeck, 1987
- COHEN, I. - Vers une nouvelle pédagogie de la lecture, Paris, Armand Colin, 1983
- DENHIÈRE, G. - Il était une fois, Lille, Presses Universitaires, 1984
- FONSECA, Joaquim - Linguística e texto/Discurso: Teoria, Descrição, Aplicação, Lisboa, ICALP, 1992
- FERNANDEZ, A. et alii - Didáctica del lenguaje, Barcelona, Ceac, 1982
- GOLDENSTEIN, J.-P. - Entrées en littérature, Paris, Hachette, 1990
- PETITJEAN, A. - Pratiques d'écriture. Paris, CEDIC, 1982
- " - De la Lecture à l'Écriture. Paris, CEDIC, 1984
- PORQUIER, R.; BESSE, H. - Grammaires et didactiques des langues, Paris, LAL, 1984
- VIGNER, G. - Écrire, Paris, CLE International, 1982
- " - Lire, Paris, CLE International, 1979

**Nota:** Ao longo do curso serão fornecidas indicações complementares de livros e revistas.

## METODOLOGIA DO ENSINO DO FRANCÊS

Docentes: Dr<sup>a</sup> Rosa Bizarro

Dr<sup>a</sup> Ana Maria Ferreira

### 1. Metodologia do Ensino do Francês/Didáctica do Francês: que definição?

O que caracteriza a Didáctica, em geral, é a natureza complexa das relações que estabelecem, no seu campo, os elementos necessários à sua legitimação, importados, estes de um conjunto de domínios de saber, no qual a hegemonia pertence, naturalmente, à disciplina de que ela assegura a pedagogização.

Assim sendo, a Didáctica das Línguas recorre fundamentalmente à Linguística e às Teorias da Comunicação, enquanto disciplinas fundadoras da sua legitimidade. Cruzam-se com elas, as disciplinas desempenham um papel instrumental na pedagogização de qualquer domínio de saber: a Psicologia e a Sociologia - as quais, combinadas com a Linguística, constituem respectivamente a Psicolinguística e a Sociolinguística -, a Psicologia Cognitiva, a Pedagogia, etc.

A rede de relações estende-se, depois, pelo recurso às disciplinas que intervêm no ensino do texto: a Literatura, a Semiótica, a Linguística Textual, a Filosofia.

Este leque já tão diversificado de "apports" enriquece-se com os conceitos e noções que sustentam o ensino da(s) Cultura(s) e da Civilização: a História, a Geografia, a História da Arte, a Economia, etc.

O discurso da Didáctica das Línguas surge, assim, como um discurso transversal a esses domínios de saber e é a comunidade de interesses com todos eles que dá unidade ao seu campo e lhe demarca as fronteiras.

#### 2. Objectivos do Curso de Metodologia do Ensino do Francês.

2.1. Colaborar na formação da consciência deontológica que há-de orientar as futuras vidas profissionais dos formandos.

2.2. Formar, no futuro professor, a consciência do valor formativo do ensino/aprendizagem do Francês, Língua estrangeira, na dupla vertente instrumental e cultural.

2.3. Despertar, no formando, a apetência pela autoformação (inicial e contínua), através da gestão e racionalização autónomas do estudo e pesquisa que deverão orientar a sua vida profissional futura.

2.4. Levar o formando a construir o quadro teórico- metodológico específico da Didáctica da Língua estrangeira, em articulação com as restantes áreas das Ciências da Educação que integram o seu plano de estudos do Ramo Educacional, em ordem à consciencialização do porquê das práticas pedagógicas

peculiares ao ensino/aprendizagem do Francês.

3. Conteúdos do Curso de Metodologia do Ensino do Francês.

3.1. A componente teórica da Didáctica: a Didactologia.

3.1.1. Enquadramento histórico, económico, sociopolítico e cultural dos diversos modelos pedagógicos do ensino/aprendizagem do Francês, numa perspectiva crítica que opere dentro dos seguintes parâmetros:

- Objectivos.

- Conteúdos.

- Estratégias/actividades.

- Problemática do acesso ao sentido em língua estrangeira.

- Relação pedagógica professor/aluno.

3.1.2. Tendências actuais da Didáctica do Francês: o eclectismo que tende a compatibilizar elementos teórico-práticos saídos dos diversos modelos pedagógicos: modelo tradicional, métodos estruturoglobais (M.A.V.), paradigma comunicacional, pedagogia do projecto.

3.1.3. A introdução da componente cultural e intercultural (perspectiva do Conselho da Europa) no ensino/aprendizagem do Francês

3.2. Áreas teórico-metodológicas.

3.2.1. A prática oral da comunicação, na dupla vertente: recepção e produção.

3.2.2. A leitura na sua relação com a produção escrita:

- Tipos de leitura.

- Tipologia de textos.

- Estratégias de leitura.

3.2.3. A gramática de frase e a gramática de texto.

3.2.4. A Pedagogia do erro.

3.2.5. O ensino/aprendizagem das línguas e das culturas.

4. A componente prática do Curso de Metodologia do Ensino do Francês.

4.1. Compreensão / produção de discursos.

4.1.1. Elaboração de análises de vários tipos de textos orais e escritos.

4.1.2. Aplicação, a textos considerados "documentos autênticos", dos princípios pedagógicos que se lhes adequam.

4.2. Materiais de ensino/aprendizagem.

4.2.1. Elaboração de fichas de leitura, de observação / avaliação de actividades de aula e outras.

4.1.3. Elaboração de exercícios comunicativos e/ou gramaticais.

4.1.4. Construção e exploração pedagógica de materiais audiovisuais.

5. Planificação de unidades didácticas para os vários níveis de ensino/aprendizagem do Francês.

- 5.1. Elaboração de análises críticas sobre os conteúdos programáticos.
- 5.2. Definição de objectivos.
- 5.3. Selecção de itens linguísticos de acordo com os objectivos definidos.
- 5.4. Selecção de actividades de acordo com as necessidades dos alunos, os objectivos definidos e a personalidade do professor, tendo em vista o desenvolvimento das quatro capacidades de base (ouvir, falar, ler, escrever).
- 5.5. Selecção de meios auxiliares adequados às actividades escolhidas.
- 5.6. Encadeamento lógico dentro da lição, dentro da unidade, entre várias unidades.

## 6. Execução.

- 6.1. Gestão correcta do tempo, do espaço, do equipamento e dos materiais.
  - 6.2. Desenvolvimento de atitudes sociais com a cooperação e a interajuda.
  - 6.3. Desenvolvimento de capacidades de observação.
  - 6.4. Desenvolvimento de capacidades de reacção a situações imprevistas.
- ## 7. Avaliação.
- 7.1. Objectivos e princípios gerais.
  - 7.2. Avaliação de actividades de compreensão e de produção orais.
  - 7.3. Avaliação através de testes escritos.

## BIBLIOGRAFIA

1. BAUTIER, E. et al. - Lignes de force du renouveau actuel en didactique des langues étrangères, Col. DLE, Paris, Clé International, 1986
2. BESSE, H.; GALISSON, R. - Polémique en didactique: du renouveau en question, Col. DLE, Paris, Clé International, 1980
3. DULAY; BURTRAND; KRASHEN - Language Two, New York, Oxford University Press, 1981
4. GLASSION, R. et al. - D'autres voies pour la didactique des langues étrangères, Col. LAL, Paris, Crédit-Hetier, 1982
5. HYMES, D.H. - Vers la compétence de communication, Col. LAL, Paris, Crédit-Hatier, 1984
6. MOIRAND, S. - Enseigner à communiquer en langue étrangère, Paris, Hachette, 1982
7. PORQUIER, R. - Aspects psychologiques de l'apprentissage des langues, Texte d'une conférence organisée en Janvier 1982, à l'université de Compiègne
8. RICHTERICH, R. - Communication orale et apprentissage des langues, Col. F, Paris, Hachette, 1975

9. ROULET, E. - Langue maternelle et langues secondes - Vers une pédagogie intégrée, Col. LAL, Paris, Crédif-Hattier, 1980

10. VERDELHAN, M. - Renouvellement des concepts en didactiques et formation des enseignants de français langue étrangère, "Langue Française", n° 55, Sept. 1092

NOTA: Serão fornecidas indicações bibliográficas específicas ao longo do curso.

## METODOLOGIA DO ENSINO DO INGLÊS

Docentes: Prof. Doutor Manuel Gomes da Torre

Dr<sup>a</sup> Maria João Alveolos

Dr. Alípio Barra

Dr<sup>a</sup> Margarida Vilela

Dr<sup>a</sup> Maria Paula Correia

### Pressupostos

O presente programa parte do princípio de que as restantes disciplinas curriculares científicas já forneceram aos estudantes conhecimentos sobre e domínio da língua inglesa que os capacitem para as implicações deste programa; e que as disciplinas que fazem parte da via educacional contribuem, conjuntamente, para proporcionar aos estudantes formação suficiente em matérias da pedagogia geral e das ciências da educação.

### Objectivos

Em consequência dos pressupostos apontados, os objectivos desta disciplina colocam-se, rigorosamente, dentro das fronteiras que lhe são específicas e são os seguintes:

- a) Informar os estudantes sobre o percurso seguido pelo ensino/aprendizagem das línguas estrangeiras ao longo dos tempos;
- b) Analisar as abordagens e métodos mais recentes numa perspectiva crítica conscientemente construtiva;
- c) Despertar nos estudantes o gosto e a necessidade de uma permanente actualização;
- d) Pôr os estudantes em contacto com a literatura essencial para a abordagem dos temas do programa;
- e) Desenvolver nos estudantes a capacidade de conceberem materiais de trabalho, tais como planos de lição, testes, exames e outras formas de avaliação de conhecimentos;
- f) Familiarizar os estudantes com a teoria e com os meios práticos da avaliação de conhecimentos;
- g) Desenvolver nos futuros professores um esclarecido espírito de independência no sentido de adoptarem as atitudes pedagógico-didácticas mais consentâneas com a sua maneira de ser, com a natureza dos seus alunos e com as condições de trabalho que lhes sejam proporcionadas;
- h) Apelar aos estudantes no sentido de preservarem uma rigorosa deontologia profissional;

i) Analisar com os estudantes os programas de inglês em vigor nas escolas do ensino secundário, familiarizando-os com os respectivos conteúdos.

### Programa

0. O que é a metodologia do ensino (ou didáctica) das línguas vivas estrangeiras:

0.1 Definição;

0.2 Terminologia específica introdutória.

1. História breve dos processos de aprendizagem/ensino das línguas estrangeiras:

1.1 A aprendizagem natural na transmissão das línguas de geração em geração;

1.2 O início do ensino deliberado das línguas estrangeiras:

1.2.1 O ensino do grego aos jovens da aristocracia romana;

1.2.2 A divulgação do latim nas províncias do Império Romano.

1.3 O ensino do latim nas escolas:

1.3.1 Durante a Idade Média;

1.3.2 No Renascimento;

1.3.3 O fim do latim como língua viva.

1.4 A consagração do método da gramática e tradução no século XVIII como corolário de uma longa tradição.

1.5 O século XIX: a continuidade e o começo da mudança:

1.5.1 O reforço do gramaticismo teórico e da análise gramatical;

1.5.2 O desenvolvimento da fonética e da psicologia;

1.5.3 As tentativas inovadoras dos finais do século: o Método Natural, o Método Psicológico (ou das Séries), o Método Fonético, o Método da Reforma.

1.6 O século XX:

1.6.1 O(s) Método(s) Directo(s).

1.6.2 O audiolingualismo behaviorista;

1.6.3 O código cognitivo;

1.6.4 O movimento comunicativo;

1.6.5 Os métodos ditos humanísticos;

1.6.6 O inglês para fins específicos (ESP).

1.6.7. O movimento para a consciencialização ('language awareness' e as suas implicações metodológicas).

1.7 Os estudos ingleses em Portugal: história e situação actual.

2. Disciplinas subsidiárias da didáctica das línguas vivas estrangeiras:
  - 2.1 A linguística geral;
  - 2.2 A linguística aplicada:
    - 2.2.1 A análise contrastiva;
    - 2.2.2 A análise de erros;
  3. A língua materna:
    - 3.1 A transferência da língua materna: -T e +T;
    - 3.2 O papel da tradução: tradução como objectivo, tradução como meio.
- A retroversão;
  4. A gramática:
    - 4.1 Aprendizagem indutiva da gramática;
    - 4.2 A explicitação gramatical (consciencialização da aprendizagem);
  5. A cultura e a civilização de L2.
  6. Componentes práticas do curso:
    - 6.1 O ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira:
      - 6.1.1 A comunicação: sua caracterização;
      - 6.1.2 O desenvolvimento da competência linguística e comunicativa;
      - 6.1.3 Fases de ensino/aprendizagem;
      - 6.1.4 Tipologia de exercícios;
      - 6.1.5 Os capacidades ('skills') receptivas e os capacidades produtivas.
    - 6.2 Análise dos programas de inglês para o ensino secundário.
    - 6.3 Análise de manuais e outros materiais de ensino.
    - 6.4 Planificação do ensino/aprendizagem:
      - 6.4.1 Planificação a curto, médio e longo prazos;
      - 6.4.2 Definição de objectivos, selecção de conteúdos, estratégias e actividades, desenvolvimento de materiais auxiliares;
      - 6.4.3 Elaboração de planos de aula e de unidade para níveis diferenciados.
  7. A avaliação de conhecimentos:
    - 7.1 Princípios e objectivos ;
    - 7.2 Avaliação 'tradicional';
    - 7.3 Avaliação 'objectiva'.

## Bibliografia

Nota - A inclusão dos títulos seguintes (considerados essenciais) não significa obrigatoriedade de leitura integral de todas as obras. Pontualmente, à medida que o programa for cumprido, serão dadas indicações sobre as partes de leitura obrigatória.

- BRUMFIT, Christopher 1980. Problems and Principles in English Teaching. Oxford: Pergamon.
- CANDLIN, Christopher 1983. The Communicative Teaching of English. Longman.
- CORDER, S.Pit 1982. Error Analysis and Interlanguage. O.U.P.
- DOFF, Adrian 1989. Teach English. A training course for teachers (Trainer's Handbook + Teacher's Workbook), C.U.P.
- HARMER, Jeremy 1983. The Practice of English Language Teaching. Longman.
- HOWATT, A.P.R. 1984. A History of English Language Teaching. O.U.P.
- JAMES, Carl 1972. "Foreign language learning by dialect expansion", in NICKEL, Gerhard (ed.) Papers from the international Symposium on Applied Linguistics. Bielefeld: Cornelsen-Velhagen & Klasing: 1-11
- JAMES, Carl 1981. "The transfer of communicative competence", in FISIANK, J.(ed.) Contrastive Linguistics and the Language Teacher. Oxford: Pergamon.
- JAMES, Carl 1980. Contrastive Analysis. Longman.
- JAMES, Carl & GARRETT, Peter 1991. Language Awareness in the Classroom. London/N. York: Longman.
- JOHNSON, Keith & MORROW, Keith (eds.) 1981. Communication in the Classroom. Longman.
- LEWIS, Michael & HILL, Jimmie 1985. Practical Techniques for Language Teaching. Hove: Language Teaching Publications.
- McLAUGHLIN, Narry 1988. Theories of Second-Language Learning. Edward Arnold.
- ODLIN, Terence 1989. Language Transfer. Cross-linguistic influence in language learning, C.U.P.
- O'MALLEY, J. Michael & CHAMOT, Anne Uhl 1990. Learning Strategies in Second Language Acquisition. C.U.P.

SELIGER, Herbert W. & LONG, Michael H. (eds.) 1983. Classroom oriented Research in Second Language Acquisition. New York: Newbury House Publishers.

O.U.P. STERN, H.H. 1984. Fundamental Concepts of Language Teaching.

O.U.P. WIDDOWSON, Henry 1978. Teaching Language as Communication.

WILKINS, David 1976. Notional Syllabuses. O.U.P.

## METODOLOGIA DO ENSINO DO ALEMÃO

Docente: Dr<sup>a</sup> Maria Emília Domingues

### **I. OBJECTIVO TERMINAL**

Aquisição de conhecimentos de carácter teórico-prático que permitam ao futuro professor de Alemão o desenvolvimento de uma prática lectiva correcta.

### **OBJECTIVOS INTERMÉDIOS**

- Reconhecer o papel da Didáctica Específica no conjunto curricular das Ciências da Educação.
- Reconhecer o contributo da disciplina de Alemão para a formação integral do aluno.
- Analisar os problemas do ensino do alemão em Portugal.
- Analisar os conteúdos programáticos do Alemão no ensino secundário.
- Perspectivar criticamente as diversas abordagens e métodos do ensino das línguas estrangeiras.
- Planificar correctamente as actividades pedagógicas.
- Seleccionar conteúdos, materiais e estratégias adequadas à consecução do referido no ponto anterior.
- Desenvolver técnicas de ensino-aprendizagem para o ensino do Alemão.
- Conhecer processos de avaliação pedagógica.
- Mobilizar os conhecimentos adquiridos numa perspectiva de auto-avaliação e de formação contínua, tendo em vista o desenvolvimento de um estilo próprio.

### **II. ITENS PROGRAMÁTICOS**

1. O ensino das línguas estrangeiras.

1.1. O objecto e a função da Didáctica Específica.

1.2. Métodos e técnicas de ensino.

1.3. O contributo das Ciências da Linguagem.

1.4. As Teorias da Aprendizagem de L2.

2. Perspectivação histórica das abordagens e dos métodos no ensino das línguas estrangeiras.

3. Análise dos objectivos e dos conteúdos programáticos da disciplina de Alemão no Ensino Secundário.

4. Análise de manuais e de outros materiais auxiliares de ensino.

5. Planificação do Ensino-Aprendizagem.

5.1. Princípios orientadores.

5.2. Planificação anual, periodal, de unidade e de aula.

5.2.1. Definição de objectivos.

5.2.2. Selecção de itens linguísticos e sócio-culturais.

5.2.3. Selecção da tipologia dos exercícios.

5.2.4. Selecção de estratégias/actividades.

5.2.5. Selecção de materiais auxiliares.

6. Desenvolvimento da competência linguística e comunicativa.

6.1. Estratégias de interacção.

6.2. Identificação de necessidades de comunicação, intenções e papéis.

6.3. O desenvolvimento integrado das quatro capacidades linguísticas de base.

6.3.1. Capacidades de compreensão (ouvir e ler).

6.3.2. Capacidades de expressão (falar e escrever).

6.4. Os materiais auxiliares de ensino e a sua utilização didáctica.

6.5. Os materiais autênticos.

6.6. A progressão na aprendizagem. A tipologia de exercícios.

6.7. Os aspectos sócio- e interculturais.

6.8. O papel da gramática.

6.8.1. Análise de vários modelos.

6.8.2. A progressão gramatical.

7. O Trabalho-Projecto e a interdisciplinaridade. Os "Baukästen".

8. Avaliação do processo ensino-aprendizagem.

8.1. Avaliação e testagem - princípios orientadores.

8.2. Funções da avaliação.

8.3. Tipos de avaliação.

8.4. Tipos de testes.

8.5. Elaboração de matrizes.

8.6. Elaboração de testes.

- 8.7. Correção de testes.  
8.8. Recolha e tratamento de dados.

### BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

BADEGGER, M. - Kontaktschwelle Deutsch als Fremdsprache Europarat

(hg)

DESSELMANN, G. und Hellmich, H. - Didaktik des Fremdsprachenunterrichts (Deutsch als Fremdsprache), VEB Verlag Enzyklopädie Leipzig, 1986

EDELHOFF, C. - Authentische Texte im Deutschunterricht, München, Hueber, 1987

GREWER, KRUGER, NEUNER - Übungsformen und Sequenzen im kommunikativen Deutschunterricht, Berlin, Langenscheidt, 1981

HAROLD, S. MADSEN - Techniques in Testing, Oxford University Press, 1983

HENRICI, Gert - Studienbuch: Grundlagen für den Unterricht im Fach Deutsch als Fremd- und Zweitsprache (und anderer Fremdsprachen). Paderborn, Ferdinand Schöningh, 1986

KRASHEN, S.D. - The Natural Approach, Oxford, pergamon/Alemany, 1983

LOHFERT, W. - Kommunikative Spiele für Deutsch als Fremdsprache, München, Hueber, 1986

MEESE, H. - Systematische Grammatikvermittlung und Spracharbeit, Berlin, Langenscheidt, 1984

MEYER, Hilbert - Unterrichtsmethoden I: Theorieband/ II: Praxisband. Frankfurt am Main, Scriptor Theorieband 1987 / Praxisband 1988

NEUNER, G.; EDELHOFF, C. e outros - Didáctica das Línguas estrangeiras, Lisboa, Apáginastantas, 1985

"- Übungstypologie zum kommunikativen Deutschunterricht, Berlin und München Langenscheidt, 1981

PIEPHO, H. E. - Deutsch als Fremdsprache in Unterrichtsskizzen Heidelberg, Quelle und Meyer, 1980

RICHARDS, J.C.; RODGERS, T.C. - Approaches and Methods in Language Teaching. Cambridge language teaching library, Cambridge, 1986

## ÍNDICE

Introdução às Ciências da Educação . . . . .	1
Organização e Desenvolvimento Curricular . . . . .	3
Psicologia e Desenvolvimento da Aprendizagem . . . . .	8
Metodologia do Ensino da História . . . . .	10
Metodologia do Ensino da Filosofia . . . . .	13
Metodologia do Ensino da Geografia . . . . .	16
Metodologia do Ensino do Português . . . . .	19
Metodologia do Ensino do Francês . . . . .	21
Metodologia do Ensino do Inglês . . . . .	25
Metodologia do Ensino do Alemão . . . . .	30